

# OLISIP O

BOLETIM DO  
GRUPO

"AMIGOS DE  
LISBOA"

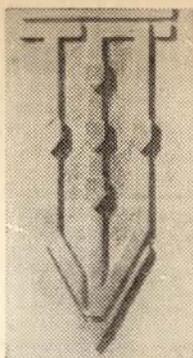


ANO XIII  
Nº 51

JULHO  
1950



CAPTAÇÕES  
DE ÁGUA  
SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES  
DE TODOS  
OS GÉNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

Empresa de Sondagens e Fundações  
TEIXEIRA DUARTE, L.<sup>DA</sup>

Rua da Betesga, 57, 3.º Esq.

LISBOA

# ELECTROLUX

A MARCA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL



FRIGORÍFICOS  
ASPIRADORES DE PÓ  
ENCERADORAS ELÉCTRICAS  
MÁQUINAS DE COZINHA  
MÁQUINAS PARA LAVANDARIAS  
MOTORES PARA FORA DE BORDA

## ELECTROLUX, LIMITADA

LISBOA

Rua Pascoal de Melo, 7

Telefs. 4 8378/5 0516/5 4130

Salão de Vendas

Avenida da Liberdade, 141

Telefs. 2 8246/3 2901

PORTO

Praça da Liberdade, 123

Telefs. 2 5436/7

COIMBRA

R. Simões de Castro, 158-2.º

Telef. 4561

**COMPANHIA ALCOBIA**

Fornecedores dos melhores  
e mais lindos mobiliários

Cómodas de estilo — Porcelanas de Saxe — Espelhos de Veneza — Candeeiros de  
cristal, de ferro forjado e de madeira — Tapeçarias — Marquises e voiles suíços  
Carpets de lã

**COMPANHIA ALCOBIA**

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capelo)  
TELEFONE 26441

# Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Capital realizado . . . . 80.000.000\$00

Fundos de reserva . . . 90.000.000\$00

SEDE EM LISBOA

Dependências urbanas:

Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis, Benfica,  
Praça do Brasil, Praça Duque de Saldanha, Praça do Chile e Graça.

Filiais:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã e Ponta Delgada.

Agências:

Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gou-  
veia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos,  
Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Vila Franca de  
Xira e Montemor-o-Novo.

**==== Todas as operações bancárias ====**

**CIMENTO TEJO**

**CANTARIAS — MÁRMORES**

**ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>**

Telefone 60879

Telegramas — RATOFILHOS

Avenida 24 de Julho, 54-F.

L I S B O A



ESTÃO AQUI 19.253 PONTOS.

Se cada um destes pontos valesse uma moeda de 2\$50, tudo isso apenas chegaria para pagar as despesas que fazemos a melhorar os nossos serviços, durante um turno de 8 horas.

Imagine-se qual seria a superfície necessária para representar, na mes-

ma escala, todo o dinheiro GASTO DESDE QUE TERMINOU A GUERRA ... para fazer a soma de 196.500 contos que foi preciso gastar para que os nossos consumidores possam ter ao seu dispor toda a electricidade e todo gás necessários — com uma simples volta ao interruptor ou à torneira!

**COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE**

# ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES  
PROJECTOS DE ESTABILIDADE  
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —  
Rua Fonseca Cardoso, 20, 2.º

TEL. (provisório) 5150 — PORTO

# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos

ON PARLE FRANÇAIS

ENGLISH SPOKEN

# COMPANHIA

— DE —

## DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada  
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Colónia  
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

*Cor. António Lopes Mateus*

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

*Mr. Firmin Van Brée*

VICE - PRESIDENTE

*Banco Burnay*

ADMINISTRADOR - DELEGADO

*Com. Ernesto de Vilhena*

Direcção Geral na Lunda

Director geral

*José Tavares Paulo*

Representação em Luanda

Representante

*Cap. Mário Augusto da Costa*

# VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

«Emperor»  
«Five Crowns»  
«Six Grapes»  
«Imperial Dry»

—«Tawny» Velhíssimo  
—Muito velho e sêco  
—«Vintage» Velho do casco  
—«Ruby» Leve



**GUILHERME GRAHAM JNR. & C.<sup>A</sup>**

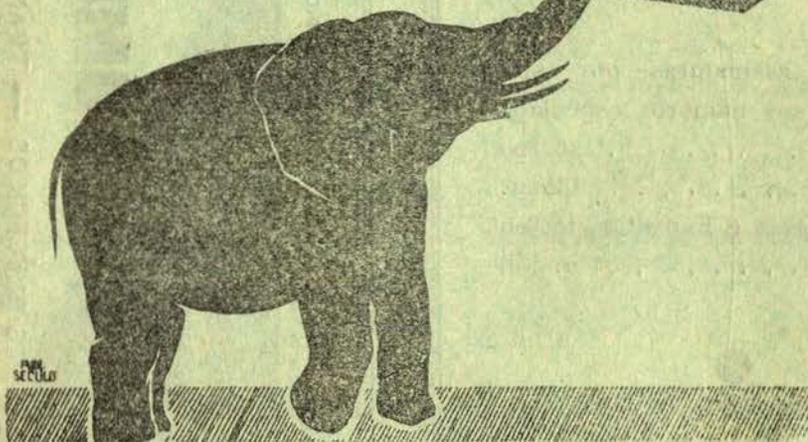
Rua dos Fanqueiros, 7  
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6  
Porto Tel. 26961/2

*Distribuidores no Sul*

**JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA**

# CHÁ CELESTE



# FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM, L.<sup>DA</sup>

1850-1950  
ANO CENTENÁRIO

TEL. P.B.X. | FAIANÇAS | TEL.  
2 4958 | DE | LOIÇA  
2 3902 | FANTASIA | LISBOA

E DE USO DOMÉSTICO  
LOIÇA SANITARIA E  
DE GRÉS CERAMICO  
AZULEJOS-MOSAICOS

## A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

PORTO | COIMBRA  
R. CARMELITAS, 40 | R. DR. RODRIGUES, 13  
Tel. 22033 | Tel. 3546

# ATENÇÃO

A OURIVESARIA

## Miguel A. Fraga, L.<sup>da</sup>

RUA DA PALMA, 26-28

Participa aos seus amigos e  
Clientes que já se encontra  
nas novas instalações, no

### PAVILHÃO DOS OURIVES

onde continua a vender,  
OURO, PRATA E JÓIAS  
a baixos preços.

Largo Martim Moniz, 18

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL

Fundada em 1938

Director — ÁLVARO PINTO



Preços das assinaturas por ano  
com direito aos números especiais:

Portugal . . . . .	190\$00
Brasil . . . . .	180 cr.
Col. Portuguesas e Espanha	190\$00
Estrangeiro . . . . .	10 dól.



R. de S. Felix, 41-1.<sup>o</sup>-D. — Lisboa  
PORTUGAL

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-82178  
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA  
LUMIAR LAMPAR

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL  
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

LÂMPADAS  
MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES  
GERADORES

**LUMIAR**

**ENAE**

Fabrico nacional

Oferta

27. JUL. 1988

ANO XIII

JULHO DE 1950

NÚMERO 51

# OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 25711 —  
COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPRIMERIA LIMITADA»-R. DO SALITRE, 153-TELEF. 53173-LISBOA

## SUMÁRIO



- AQUEDUTO DAS ÁGUA S LIVRES, por *Gustavo de Matos Sequeira*.
  
- A MOURARIA, por *Ferreira de Andrade*.
  
- UM PASSEIO NO BAIRRO ALTO, pelo *Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves*.
  
- CINZAS DE LISBOA, pelo *Padre Ruela Pombo*.
  
- DO SÍTIO DO INTENDENTE, pelo *Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves*.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS  
OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

# OLSIPO

OLSIPO is a...  
...  
...



- 1. A...  
...
- 2. A...  
...
- 3. A...  
...
- 4. A...  
...
- 5. A...  
...
- 6. A...  
...
- 7. A...  
...
- 8. A...  
...
- 9. A...  
...
- 10. A...  
...

# AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

Palestra proferida na visita de estudo do Grupo, ao Aqueduto das Águas Livres, em 16 de Abril de 1950, por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Para se apreciar este monumento — o Aqueduto das Águas Livres — na sua função utilitária, antes de o considerar pela sua categoria artística, há que pôr em foco as sedes de Lisboa, os sete séculos de falta de água que ela padeceu. Só pensando isto se lhe dará o seu verdadeiro valor.

Quando a cidade caiu em poder de D. Afonso Henriques, a sede foi-lhe tão grande inimigo como os cruzados que vieram ajudar na conquista o nosso primeiro rei. Quando em 1373 Lisboa foi cercada pelos Castelãos, o mesmo sucedeu. Diz Fernão Lopes que até o chafariz de El-Rei secou. Os açacais moiros que precederam os galegos na Lisboa pré-manuelina, para a venda da água, lutavam nas fontes por uma quarta de água, como os cavaleiros e besteiros lutavam nas praças de África para a conquista de um posto de honra. E os cavalos de bronze do Chafariz de Dentro, secos de todo, deixavam-se roubar pelos invasores.

No século XVI Francisco de Olanda, projectando um imaginoso chafariz, no Rossio, chamava a Lisboa «a cidade que morre de sede». As procissões «ad petendam pluviam» eram constantes. A água vendia-se tão cara como o oiro da Mina, e as pugnas nas fontes eram mais bravas do que os cercos de Diu.

Na época das estiagens, quebravam-se diàriamente tantos cântaros de barro como cabeças de moiros.

É com D. Sebastião que se fazem as primeiras tentativas para um abastecimento de água à cidade sequiosa. Os architectos Frias vão examinar as nascentes da Água Livre. Era aí que se enraizara o velho aqueduto romano que, vindo pela Amadora e por Palhavã, teria des-sedentado a capital, entrando nela pela Moiraria. Voltam lá de novo, no tempo dos Filipes, e vão também os Tinocos e Leonardo Turriano, engenheiros e architectos. Viram e mediram os restos da vetusta obra romana que o geólogo Carlos Ribeiro pôde ainda espreitar há setenta anos; mas tudo se limitava a vistorias e cálculos. Aos Filipes interessava mais o dinheiro dos impostos a lançar para a obra do que a própria obra, e entretanto a sede continuava a martirizar o povo. A água roubava-se, desviavam-se nascentes, as lutas nas fontes embraveciam ano a ano, e a «sonorosa linfa fugitiva» aumentava de preço. O Senado

da Câmara, para evitar explorações, taxa a venda da água em 1611. O Filipe, para aparentar cuidados de soberano, vai espreitá-la a Carenque; os Tinocos fazem dois projectos para a sua condução; Turriano e Lavanha, projectam também a mesma obra; mede-se o aqueduto romano outra vez, mas não se passa disto e a engenharia seiscentista adormece de novo. A seca de 1633 é que vem despertar os dorminhocos. A Câmara compra nascentes, constrói chafarizes, estuda o problema cada vez mais grave. Beber água começava a ser um luxo. Os privilegiados (clero e nobreza) roubavam-na, e o Senado enleava-se em questões complicadas.

Um António de Miranda, em 1688, projectava levar a Água Livre ao Bairro Alto; um francês, Teófilo Dupineaut, no ano seguinte elabora plano semelhante, e António Júlio de la Pomarée, em 1728, repete a tentativa. Estudam-se exaustivamente os projectos mas não passam dos papéis das Consultas Municipais. Uma quarta de água custava então sessenta réis, e os alfacinhas crestavam-se nas estiagens de 1703 e 1707.

Em 1719 um célebre Vedor de águas vem examinar a nascente de Carenque. O povo curava-se das brechas que os aguadeiros lhe faziam, esperando o Mito da Água Livre, e os oleiros, pactuados com os filhos de Tuy, faziam as quartas do tamanho dos púcaros para beber. O problema chegara ao seu ponto crítico. O rei era, porém, D. João V, e na Câmara, o Procurador da Cidade era Gorgel do Amaral. Cada um no seu officio, zelando o Bem-Comum, tomaram a peito a obra utilitária. Só esta conjunção tornou possível a vinda da Água Livre.

Os tributos indispensáveis a lançar entram em estudo sério em 1729; em 1731 sai o Alvará que os manda cobrar, e em 1732 principiam as obras com uma rapidez fulminante, digna do monarca e do povo.

É António Canevari o architecto encarregado de dirigir os trabalhos, cometidos a uma sociedade de vinte pedreiros, mas em breve deixa a direcção. O engenheiro Azevedo Fortes critica-a àesperamente numa vistoria. O risco estava errado. E é Manuel da Maia, com Custódio Vieira, quem vai superintender nela.

A traça modifica-se. Outro engenheiro, José da Silva Pais, substitui depois o Vieira que, por ter errado também as medidas dos vãos dos arcos, se finge doido para escapar ao desagrado real. Se a morte o não tivesse fulminado, teria que fugir de Portugal como o italiano Canevari. A parte principal do risco e da execução do aqueduto é de Manuel da Maia. Depois dele dirigiram os trabalhos os engenheiros-architectos Rodrigo Franco, Carlos Mardel, Miguel Ângelo Blasco, Reinaldo Manuel dos Santos e Francisco António Ferreira.

Lisboa ansiava pela vinda desse novo Messias, e irritava-se com

as reclamações do clero sobre os tributos que não queria pagar, invocando velhos privilégios. D. João V, exasperado, não o atende. Há ameaças de interdição sobre o reino. Pior. O rei era melhor defensor das prerrogativas reais do que das imunidades de Roma, e os frades e os clérigos tiveram de pagar em face do argumento irresponsável de que também bebiam água.

Em 3 de Outubro de 1748 — dia grande para Lisboa — correu a Água Livre do aqueduto do chafariz das Amoreiras. As 150.000 bocas festejaram-na com vivas. Os cinco mil e tal contos gastos, abençoavam-se. Só o aguadeiro que fora até aí quase um Deus, não partilhava do entusiasmo geral. Aos 2.160 aguadeiros de Lisboa chegara a hora trágica. Não desanimaram, porém, e continuaram vindo da Galiza, tão serenos e confiados, que daí a pouco estavam, outra vez, senhores da situação. A água era nossa, mas eles é que a vendiam.

O caudal da Água Livre, sucessivamente aumentado, deu à cidade alguns anos de abundância, mas a população, sempre crescente, acabou por exigir mais água, e as crises começaram intermitentemente. Em 1833, por exemplo, ressuscitaram as lutas nos chafarizes e os preços escandalosos. A capital, receosa de que os miguelistas cortassem a água, pôs a funcionar, como nos velhos tempos, as 12 cisternas e os 464 poços que possuía.

Pouco depois começaram a aparecer novas ideias utilitárias. Um Francisco Sodré, em 1823, propõe-se distribuir a água em Lisboa, utilizando 284 carros de bois, 568 ruminantes e 3.464 galegos. Era um exército. O general António Bacon, em 1845, melhorando este projecto pitoresco, planeia, também, levar a água a casa de cada um. Ideias e iniciativas semelhantes sucedem-se em 1847, 48 e 49.

O Governo abre, então, um concurso público. Fica deserto. Nomeia-se uma Comissão em 1850. Abre-se outro concurso em 52, e finalmente, em 1855, contrata-se o fornecimento de águas. Era a primeira Companhia! O engenheiro municipal Pezerat procede a estudos, o engenheiro francês Mary continua-os. Realizam-se obras importantes nos ramais do aqueduto e nos reservatórios. As secas de 1850, 1861 e 63, apressavam os trabalhos, e, acabada a primeira Companhia das Águas, em 1864, fica o Governo a gerir a máquina até 1867. Forma-se então uma nova Companhia e contrata com ele em 1868; faz obras consideráveis, e o projecto da vida de outra nascente aparece no horizonte das securas lisboetas. Treme de susto a realeza do barril, no seu trono pintado de verde. Finalmente, a 3 de Outubro de 1880, o Arcebispo de Lacedemónia abençoa à chegada aos Barbadinhos a água do Alviela, e Lisboa, abastecida e refrescada, vitoria a nova encarnação do Neptuno fabuloso.

## MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES:

Vamos visitar uma grande Obra. Já sabem quanta necessidade ela remediou, e que lutas, que canseiras e trabalhos foram precisos para levá-la a cabo. Consideremo-la, agora, como monumento artístico. Todos os estrangeiros menos amáveis que visitaram o nosso país não puderam deixar de se lhe referir com elogios. Ela impõe-se por si mesma, pela sua concepção, pela sua grandeza, pela sua elegância arquitectural. Faz parte do brasão fisionómico de Lisboa, e é um dos assuntos preferidos pelos gravadores, litógrafos e pintores. Os arcos da Ribeira de Alcântara figuram em muitas dezenas de estampas e de quadros.

Desde o Olival do Santíssimo em Caneças até aqui ao Rato, mede o Aqueduto dezanove quilómetros. Contando todos os ramais e galerias, da obra antiga e moderna, tem perto de doze léguas de extensão. Obra forte, durável, cheia de beleza: canos de pedra, túneis, clarabóias, portinholas, tanques, galerias, tudo é proporcionado, nobre, grande. Os 35 arcos da Ribeira de Alcântara lançam-se elegantemente através do vale, dando um interesse estranho à paisagem do subúrbio. O maior, sobre o qual vamos passar, tem 62 metros de altura, e quase 34 metros na sua maior abertura. É impressionante. As galerias laterais do Passeio dos Arcos podem cruzar-se à vontade. Iremos lá passar, sem dificuldade e sem o menor risco, tão seguros como no Rossio e sem o perigo dos eléctricos.

A Casa da Água, esta pesada mole de pedra, que esteve para ser em S. Pedro de Alcântara, só em 1834 se acabou. Não chegou a custar 14 contos de réis. As paredes têm mais de 5 metros de espessura, e lá dentro o tanque de arejamento comporta 5.500 metros cúbicos de água. Chamo a atenção de V. Ex.<sup>as</sup> para os efeitos da incidência da luz exterior na massa de água que tem 7 metros de altura. É desta Mãe de Água que partem galerias que abastecem ainda alguns dos chafarizes da cidade, a do Loreto, que vai sair ao pé do teatro de S. Carlos, e a da Esperança, que tinha como melhor obra de arte o desaparecido Arco de S. Bento. Outras duas, a do Campo de Santana e a das Necessidades, partem antes da chegada do aqueduto a este venerável depósito, e todas elas se ramificam para abastecer chafarizes mais arredados. O vasto tanque da Praça do Rio de Janeiro, pertence a esta obra grandiosa. Serve para arejar as águas da galeria do Loreto.

A seguir à casa da Água subiremos ao terraço que a cobre, donde se goza uma das mais admiráveis vistas de Lisboa. A cidade oferece um aspecto inteiramente novo. Mostra-se de outra maneira; parece outra. É este um dos segredos da graça de Lisboa.

Depois, correndo a galeria que fica sobre os arcos do Jardim das Amoreiras, passaremos no Arco Monumental, onde ao alto se gravam as legendas encomiásticas da obra, postas no tempo de Pombal. Não são as primitivas. As que lá estavam no tempo de D. João V, foram picadas pelo primeiro Ministro de D. José, talvez por serem escritas em latim.

A seguir, ao longo de Campo de Ourique e S. João dos Bencasados, passando pelo Arco do Carvalhão e pela antiga estrada da Circunvalação, ora sobre os arcos, ora por debaixo do solo, chegaremos ao Jardim onde se abre o Passeio que atravessa a Ribeira. V. Ex.<sup>as</sup> terão ocasião de ver as obras modernas da Companhia das Águas, os motores, as novas condutas, os novos canos, os fios da electricidade e da telefonia, trazendo até o nosso tempo a máquina de pedra extreme do século XVIII. A grandeza da obra joanina irá evidenciar-se melhor, ao entrarmos nesse Passeio. Se o Panorama estragado pelas moradias e pela miséria de agora, alastrando indisciplinadamente no vale e nas encostas, fora de todas as leis da hygiene e do urbanismo, pode e deve impressionar desagradavelmente, a recordação de outras épocas que nós sabemos poetizar, vai certamente agradar-lhes. Do Jardim da entrada até o Alto da Serafina onde sairemos, muito há que interesse aos olhos voltados para o mundo interior das nossas evocações. Veremos a Calçada dos Mestres, assim chamada em lembrança dos primeiros Mestres das Águas Livres, empinada para o outeiro de Campolide; a ermida de Santana, onde outrora se faziam arraiais populares de raro pitoresco; os fortes de Campolide e de Palhavã, onde liberais e miguelistas jogaram as últimas cartadas políticas, derramando o mesmo sangue; os antigos Colégios de S. Patrício e de Campolide, este tornado hoje em quartel, erguidos no outeiro do sul, e, lá em baixo, espalmadas, a Rabicha e o Ferro de Engomar das merendas dominigueiras, sobrevivência dos repastos campesinos do tempo da construção do Aqueduto, quando, nos dias feriais, o povo de Lisboa aí ia folgar na admiração das obras.

Ainda, cruzando o Passeio dos Arcos, agora tão tranquilo, deverão os Amigos de Lisboa lembrar o pavor alfacinha de 1839, quando começaram a aparecer os cadáveres esmigalhados nas pedras da Ribeira, debaixo do Arco Grande, do tal que tem 62 metros de altura. Em Junho desse ano já os mortos ascendiam a 76. O povo, sempre propício a crer no mistério e na tragédia, capitulava essas mortes de crimes e atribuía-os ao famigerado Diogo Alves. Outros opinavam que se tratava de simples suicídios; mas realmente os suicídios já eram demais. Lisboa andava alvoroçada. Castilho, na sua «Revista Universal Lisbonense», um dos grandes órgãos de imprensa da época, iniciou uma campanha contra a passagem dos Arcos, tão frequentada pelos saloios

do arrabalde de Benfica, Porcalhota e Belas, e a Junta de S. Sebastião da Pedreira, aplaude-o e auxilia-o.

Proposto um gradeamento lateral para o Passeio, a Câmara manda orçá-lo, mas assusta-se com os 14 contos do custo, e nada se faz. Entretanto os mortos continuavam a aparecer. Em 1844 fechou-se a passagem; em 48 o povo de Benfica, julgando-se lesado, reclamou, e em 51 a Câmara torna a abri-la. Ergueu-se outra vez o coro dos protestos, e a Junta de S. Sebastião da Pedreira consegue finalmente que o encerramento se faça, e desta vez para sempre.

Da sentença de Diogo Alves nada consta destes crimes que lhe foram imputados, mas as sentenças populares puderam mais do que ela, e a lenda fixou-se tão forte como os próprios arcos do aqueduto que resistiram ao terremoto de 1755.

#### MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES:

A visita vai começar. Hoje que há bicas generosas espalhadas pela cidade, chafarizes, lagos e repuxos, e ainda uma fonte em cada casa, pensai ao entrar neste monumento no que padeceram os lisboetas vossos avós, durante 736 anos, e no benefício que ele portanto representou para os 150.000 moradores da cidade de D. João V e de Cláudio Gorgel do Amaral. E pensai ainda, como se conjugou o utilitarismo com a Arte, e a satisfação de uma necessidade com a criação de uma obra de beleza. E para o grande Rei, que um foi, e para o honrado Procurador, que o outro soube ser, peço-vos, em seu louvor, uma saúde não com vinho, mas com a primeira sede de água que humedecer as vossas bocas alfacinhas.

# A MOURARIA

## O PALÁCIO DA ROSA E OS TEMPLOS DE S. LOURENÇO E DO COLÈGINHO

por FERREIRA DE ANDRADE

Lisboa desdobra-se em aspectos vários. Cada bairro tem a sua vida própria, a sua autonomia, a sua linhagem, a sua história, o *facies* característico da sua arquitectura e o traçado dissemelhante das suas ruas; o pitoresco natural, inconfundível que é o seu melhor brasão de armas e a alegria própria que é o encanto subjectivo da sua gente, tão diferente de burgo para burgo como de cidade para cidade.

«Há em Lisboa muitas Lisboas» — escreveu Castilho no proémio da sua obra magistral. Admirável síntese esta que caracteriza a diferenciação da nossa cidade...

Alfama é hoje o burgo-museu da cidade medieval, onde palpita ainda a história da Lisboa das descobertas, da Lisboa que nasceu do seu rio e se expandiu na glória do seu nome, na universalidade do seu prestígio, para além dos Oceanos.

O Bairro Alto é o *ex-libris* da urbe seiscentista; o bairro que foi fidalgo e foi boémio e hoje é simplesmente uma página evocadora... uma saudade.

A Madragoa, essa, vive ainda sussurrante e buliçosa no vozear alegre das suas gentes — é o bairro peixeiro como a Esperança, alacre, risonho como a Graça.

O Castelo, S. Cristóvão, S. Vicente são iluminuras da Lisboa primitiva.

Estes... os bairros típicos da cidade, as «muitas Lisboas» desta Lisboa de ontem, de hoje, mas que não serão já de amanhã pela força inevitável de um urbanismo civilizador.

As outras Lisboas, «os bairros mundanos com *bâton* e pijamas ricos» — como as definiu o saudoso Nogueira de Brito — essas já se confundem, num cosmopolitismo nivelador das cidades.

A Mouraria era o outro bairro típico, característico da velha urbe. Pouco existe já hoje; nem uma pedra restará amanhã. A sua existência de oito séculos, desde que o Rei D. Afonso Henriques para ali arruara, expulsos da cobiçada almedina, como entes desprezíveis, os muçulmanos vencidos, entrou na hora crepuscular e triste da sua agonia.

A pouco e pouco esse bairro de ruas estreitas, modestas e tristes, vai-se desfazendo. Desaparecem, num arrasamento crescente, as típicas estalagens das lavadeiras saloias, as tabernas escusas dos rufiões e «mundanas», os botequins e os cafés de «lépes». Já não cruzam, a altas horas da madrugada, esse dédalo de vielas as carroças hortaliçadeiras — como há muito deixara já de passar a barulhenta e popular procissão do ferrolho que, de noite, vinda de Santo António da Sé, recolhia a caminho da Penha de França, troando os ares com o matraquear constante das aldravas e o vozear estridente do rapazio desenfreado.

Pelas ruas, que vão ficando, passa ainda todos os anos, a tradicional e lisboeta procissão da Saúde, que ressuscitou alfim, como uma afirmação do passado, de pitoresco e de fé deste pequenino burgo.

Resiste ainda, e resistirá amanhã, rasgadas as novas artérias, a Mouraria comercial.

Mas do bairro da moirama, a que se seguiu o bairro da estúrdia reles, de vincada expressão popular e triste, só a recordação existirá no futuro. Sim, da Mouraria da Rua dos Canos e da Rua do Capelão — que a *Severa* consagrou na voz nostálgica do fado, evocador, quem sabe!, das toadas plangentes das infieis muçulmanas — dos becos do Imaginário, da Amendoeira e do Jasmim, de tão saborosa e poética toponímia, dos Três Engenheiros e do João do Outeiro, nem um cunhal, um «registo», uma lápida, ficará a atestar-nos a sua existência oito vezes secular.

Subsistirá, talvez por muitos anos ainda, na encosta que se eleva até às abas do Castelo, o palácio fidalgo do burgo — o Palácio da Rosa — e os templos de S. Lourenço e do Colèginho.

Evoquemo-los.

## O PALÁCIO DA ROSA

Do morgado de S. Lourenço aos condes de Castelo Melhor

Poucos palácios de Lisboa terão uma história tão longa; poucos terão pertencido, através de tantos séculos, a uma única família, passando de geração em geração até aos nossos dias. De todas as casas nobres da cidade o Palácio da Rosa impõe-se, assim, pela sua antiguidade.

Quando foi construído o primeiro núcleo residencial? Qual o Nogueira que o habitou primeiramente?

Detenhamo-nos na leitura dos nobiliários, única fonte onde podemos ir pesquisar algumas notícias.

Foi mestre Pedro Nogueira, o físico de D. Dinis, o *Magister Petrus de S.<sup>to</sup> Laurentio Ulisbon*, o fundador do morgado de Santa Ana instituído na igreja de S. Lourenço.

Documento algum nos prova, porém, ter sido Pedro Nogueira o fundador também da casa nobre de S. Lourenço — mas tudo leva a crer que sim.

A *Magister Petrus* sucedeu, no morgadio, seu irmão Lourenço Pires Nogueira, que foi cavaleiro-mor de D. Dinis. Mas nem deste, nem de seu filho, Filipe Nogueira, nem mesmo de seu neto, o célebre João das Leis, há notícia de terem residido junto da paroquial de S. Lourenço.

Filho do mestre João das Leis — a quem assim chamavam *por ser muito douto nellas* (1) — foi Afonso Eanes Nogueira. É a partir deste que alguns linhagistas pretendem remontar o solar dos Nogueiras.

Afonso Eanes Nogueira, alcaide-mor de Lisboa (2) e senhor do morgado de S. Lourenço, foi um dos fidalgos que primeiramente seguiu o partido de D. Leonor. Mais tarde acolhe-se à protecção do Mestre de Avis, que, já rei, o cumulou de honrarias e lhe doou, segundo alguns (3), o terreno que da torre de S. Lourenço descia até à paroquial.

A acreditar-mos, porém, na informação que corre impressa, Afonso Eanes Nogueira mais não fez do que alargar as casas das quais eram já proprietários os Nogueiras.

Morto Afonso Eanes Nogueira, que foi sepultado na igreja de S. Lourenço (4), bem como seu filho o Arcebispo de Lisboa Afonso Nogueira (5), o morgado e todos os bens passaram a Violante Nogueira, sua filha, que veio a casar com João Afonso de Brito, senhor do morgado de Santo Estêvão de Beja.

Deste casamento nasceu Mem de Brito Nogueira, que uniu, assim, na sua pessoa os morgados de Santo Estêvão de Beja e de S. Lourenço de Lisboa. Casou com Grimanesa de Melo. Primogénito foi Luís de

---

(1) *Pedatura*, Cristóvão Alão de Moraes, tomo III (1), pág. 94. Está enterado na capela-mor da igreja de S. Lourenço, onde, ainda em 1670, tinha o seguinte epitáfio: *Aqui jaz Mestre J.<sup>o</sup> das Leis Conselheiro q̄ foi delRei D. Afonso 4.<sup>o</sup> de Portugal, Padroeiro desta Igreja e Provedor da Capella de Mestre P.<sup>o</sup> e passou a 24 de Março de 1421 (Idem). Sua filha Maria G.<sup>o</sup> que acrescentou muito o morgado, também foi enterrada nesta igreja (Idem).*

(2) *Livro 2.<sup>o</sup> de D. João I*, fl. 172.

(3) Mansos de Lima.

(4) Tinha (1670) o seguinte epitáfio: *Aqui jaz A.<sup>o</sup> Eanes Nogueira q̄ foi Cavalleiro na batalha real E do cons.<sup>o</sup> delrei D. J.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> E do Infante D. D.<sup>to</sup> e Alcaide mor desta cidade falleceo a 5 de Março de 1426.*

(5) *Gabinete Histórico*, tomo II, pág. 124. D. Afonso chegou a ser morgado, por morte de seus irmãos, Rui, Álvaro e Gomes. Foi deste D. Afonso que Violante Nogueira herdou o morgado. (*Pedatura*, vol. cit.).

Brito Nogueira. E foi este o senhor do morgado de S. Lourenço que, após o seu segundo casamento com Dona Joana de Ataíde, fundou o Mosteiro de Nossa Senhora do Rosário ou da Rosa.

A este Luís de Brito foram aforados pela Câmara <sup>(6)</sup> — decerto para alargamento da propriedade — *a torre que está sobre o postigo de Sam Lourenço e o lanço do muro que vem por ali abaxo e ainda outro lanço de muro com as duas torres que estão sobre as portas de Sam Vicente.*



Luís de Brito e sua mulher foram sepultados no mosteiro que fundaram. De seu pai e de seu filho Estêvão de Brito Nogueira são os dois únicos túmulos cujas inscrições se vêem ainda na igreja de S. Lourenço.

Do lado direito do altar-mor, no degrau da escada:

AQUI IAS MEM DE BRITO NOGUEIRA  
DO CONSELHO DE ELREI SENHOR DOS  
MORGADOS DE SANTO ESTEVÃO DE BE-  
JA E SANCTA ANNA PADROEIRO DESTA  
IGREIA E SUA MOLHER DONA GRIMANESA  
DE MELLO FILHA DE ESTEVÃO SOARES  
DE MELLO SENHOR DE MELLO

Do lado oposto, igualmente no degrau da escada:

AQUI JAS ESTEVÃO DE BRITO NOGUEIRA DO CON-  
SELHO DE ELREI SENHOR DOS MORGADOS DE SANT  
O ESTEVAO DE BEJA E S.TA ANNA PADRO DESTA IGREIA  
E SUA MOLHER DONA ISABEL DA COSTA FILHA DE  
NICOLAU VAS DE MACEDO FALECEO NA ERA  
DE 1636

LUI DE BRITTO NOGUEIRA PAI DESTE ESTEVÃO  
DE BRITTO ESTA SEPULTADO NO MOSTRO DA R  
OSA DESTA CIDADE Q FUNDOU



Prossigamos na enunciação dos senhores do morgado de S. Lourenço.

---

<sup>(6)</sup> Tombo de 1573, Livro 2.º, fl. 70 a 71 v.

Com o casamento de Luís de Brito Nogueira passaram a residir em S. Lourenço os viscondes de Vila Nova de Cerveira. Luís de Brito que era neto de Estêvão de Brito (7) e filho de Lourenço de Brito (8), casou com D. Inês de Lima, herdeira de seu pai D. Francisco de Lima, 5.º visconde de Vila Nova de Cerveira.

D. Inês de Lima e seu marido nunca tiveram o título que àquela pertencia (9). Usou-o, por alvará de lembrança de 13 de Dezembro de 1579, seu filho Lourenço de Brito. Neste, o 6.º visconde de Vila Nova de Cerveira, três casas nobres ficaram unidas: esta, a dos Britos e a dos Nogueiras.

O solar da Rosa era então já o palácio dos viscondes de Vila Nova de Cerveira.

Em atenção aos altos serviços dos ascendentes de sua mãe e aos de seu pai, que em Alcácer-Quibir ficara cativo, fora dado, como dissemos, a D. Lourenço, pelo Cardeal D. Henrique, o título de seu avô, o 5.º visconde D. Francisco de Lima. Filipe I confirmou-o por carta de 7 de Janeiro de 1583, «com a condição dele casar com mulher que ao Rei agrade» (10). Mais tarde, por uma apostila de 4 de Setembro de 1591, foi obrigado — e todos os seus descendentes — a usar primeiro o apelido de Lima e depois o de Brito. E o visconde, que até então usava o nome de Lourenço de Brito de Lima, passou a assinar Lourenço de Lima e Brito. Já depois de casado com D. Luísa de Távora, filha de Luís de Alcáçova Carneiro, é-lhe confirmado o título, e, anos depois, em 1623, recebe nova mercê com a elevação do seu título às honras de conde (11).



Teria D. Lourenço vivido no Palácio da Rosa?

Tudo nos leva a crer que sim.

Em 1646, D. Lourenço (12) renuncia em seu filho D. Diogo, que

(7) Estêvão de Brito casou segunda vez com *hũa sua criada q̃ depois se chamou D. Isabel da Costa filha de Nicolau Vaz de Macedo tt.º de Alteros da qual teve antes de a receber...* Lourenço de Brito Nogueira. Deste e de sua mulher D. Antónia da Silva era filho Luís de Brito. (*Pedatura*, vol. IV (1), pág. 229 e 230).

(8) No *Livro de Lançamento e serviço*, etc., vol. III, pág. 120, vêm algumas vezes mencionadas as *casas de Lourenço de Brito*.

(9) *Brazões da Sala de Sintra*, livro III, pág. 89.

(10) *Idem*, pág. 90.

(11) *Doações de Felipe III*, livro 18, fl. 182.

(12) Seu filho primogénito, D. Luís, que morreu ainda em vida de seu pai, não sabemos se teria sido sepultado no jazigo de S. Lourenço. Seu irmão D. Lourenço, morreu em 1647 e jaz neste templo (*Colecção de inscrições*, fl. 238, de Moreira, Ac. das C. de L.).

lhe succedeu, o título de visconde. É este o primeiro fidalgo que nos aparece mencionado nos assentos paroquiais.

Em 1662 faleceu D. Manuel de Lima, *filho morgado do Bisconde* <sup>(13)</sup>, que Cristóvão Alão de Moraes <sup>(14)</sup> nos diz *q̄ morreo soltr.º afogado em Alcantara junto a Lx.ª* <sup>(15)</sup>.

Quatro anos mais tarde, a 20 de Dezembro de 1666, faleceu o segundo filho de D. Diogo, D. Lourenço <sup>(16)</sup>. No mesmo ano em que lhe morre seu neto, D. Diogo <sup>(17)</sup>, é sepultado no seu carneiro de S. Lourenço o 7.º visconde de Vila Nova de Cerveira <sup>(18)</sup>.

A linha varonil dos Limas, Nogueiras e Britos seguiu-se na pessoa de D. João, o terceiro filho de D. Diogo. Foi por isso o 10.º visconde de Vila Nova de Cerveira. A D. João <sup>(19)</sup>, várias vezes mencionado nos registos paroquiais de S. Lourenço que vimos seguindo, succedeu, por morte de seu filho primogénito, D. Diogo, o segundo filho varão, D. Tomás de Lima <sup>(20)</sup>, fidalgo que, depois de renunciar à vida eclesiástica, casou, em 1690, com D. Mariana de Hohenlohe.

Com dois anos apenas faleceu-lhes o primeiro filho, D. João <sup>(21)</sup>, pelo que títulos e bens se vincularam na pessoa de sua filha D. Maria Xavier de Lima e Hohenlohe, que fora baptizada no dia 31 de Dezembro de 1697 e tivera como padrinho — reza o respectivo assento paroquial <sup>(22)</sup> — *hũ pobre*.



No dia 24 de Março de 1708 foi baptizada nesta igreja de S. Lourenço uma filha (Francisca) dos condes de Avintes, D. Luís de Almeida Portugal e D. Joana Josefa Antónia de Lima, filha dos 10.ºs viscondes de Vila Nova de Cerveira. Fez o baptismo o Bispo capelão-mor, D. Nuno da Cunha e paraninfaram o acto os infantes D. Francisco

<sup>(13)</sup> *Livro 1.º de Obitos*, fl. 7, v.

<sup>(14)</sup> *Pedatura*, tomo IV (1), pág. 233.

<sup>(15)</sup> Neste mesmo ano de 1662 foi baptizado um filho de Luís da Silva Teles de Meneses, que recebeu o nome de João (*Livro 1.º de Baptismos*, fl. 18).

<sup>(16)</sup> *Livro 1.º de Obitos*, fl. 11, v.

<sup>(17)</sup> *Idem*, fl. 28, v. D. Diogo, que *morreo moço*, era o filho primogénito de D. João de Lima.

<sup>(18)</sup> *Idem*, fl. 27, v.

<sup>(19)</sup> *Aos vinte e nove de Setembro de mil setecentos vierão de Alemquer trasladados pª esta Igrª os ossos do Bisc.º Dom João Frzº de Lima*, etc. (*Livro 2.º de Obitos*, fl. 2).

<sup>(20)</sup> O terceiro filho, D. Lourenço, faleceu em 25 de Novembro de 1689 (*Idem*, fl. 35).

<sup>(21)</sup> Baptizou-se no dia 29 de Setembro de 1694 (*Livro 1.º de Baptismos*, fl. 54, v.) e faleceu no dia 26 de Julho de 1696 (*Livro 1.º de Obitos*).

<sup>(22)</sup> *Livro 1.º de Baptismos*.

e D. Francisca (23). Dois anos antes, a 3 de Outubro, realizara-se já o baptismo, pelo Bispo eleito de Lamego, D. Tomás de Almeida, então prior de S. Lourenço, de Tomás, outro filho dos condes de Avintes (24), factos que demonstram a residência no Palácio da Rosa destes fidalgos.



D. Maria Xavier de Lima, que, como dissemos, herdara a casa de seu pai (25), foi casada com Tomás da Silva Teles, que veio a ser o 12.º visconde por carta de 6 de Outubro de 1721 (26). Dos livros paroquiais de S. Lourenço constam os três assentos que seguem:

*Aos vinte e tres dias deste mes de Julho de mil e setesentos e vinte e dous baptizou de minha licença, Nuno da Sylva Telles deputado do Conselho Geral dos officios a Helena filha dos Biscondes de Vila Nova da Serqueira, Thomaz da Silva Telles e D. Maria de Lima e Vasconcellos forão Padrinho o Marquez de Alegrette Fernando Telles da Silva e madrinha por procuração a Ex.ª Condessa de S. Lco D. Magdalena de Lima, etc. (27).*

A 11 de Julho de 1723 baptizou o Padre Frei Afonso dos Prazeres, religioso da ordem de S. Bento, outra filha — Vitória — de quem foram padrinhos o marquês de Alegrete e a condessa de Avintes (28).

No dia 13 de Julho do ano seguinte foi baptizada a terceira filha, Luísa. Apadrinharam o acto, que foi celebrado por Nuno da Silva Teles, a viscondessa de Barbacena e António Teles da Silva (29).

O primeiro filho varão não nasceu em S. Lourenço. O baptizado realizou-se na vila de Ponte de Lima, onde se deram festas que duraram seis dias, *com pompa e magnificencia* (30).



D. Maria de Lima não faleceu (1730) neste Palácio de S. Lourenço. Seu marido, que recebera, após o seu casamento, em 1721, o

(23) *Livro 2.º de Baptismos*, fl. 18, v.

(24) *Idem*, fl. 16, v.

(25) A *Gazeta de Lisboa*, de 3 de Março de 1718, insere a seguinte notícia: *Ao visconde de Villa Nova da Cerveira fez S. M. merce de huma vida no seu titulo e caza para sua filha unica a Senhora D. Maria de Lima. Faleceu no dia 5 de Julho de 1730 no Lumiar e foi enterrado em S. Lourenço no dia seguinte. (Livro 2.º de Obitos, fl. 38, v.).*

(26) *Ofícios e mercês de D. João V*, livro 56, fl. 265.

(27) *Livro 2.º de Baptismos*, fl. 50.

(28) *Idem*, fl. 51, v.

(29) *Idem*, fl. 53, v.

(30) *Gazeta de Lisboa*, de 22 de Janeiro de 1728.

título de 12.º visconde de Vila Nova da Cerveira, faleceu no forte de S. João da Foz, onde estava preso, à ordem do marquês de Pombal, como implicado na conspiração do duque de Aveiro.

Dos livros paroquiais da freguesia consta o respectivo assento de óbito <sup>(31)</sup>:

*Aos doze dias do mês de Janeiro do presente anno de mil settecentos e setenta e dous <sup>(32)</sup> falleceo da vida presente com todos os sacramentos no Castello de S. João da Foz do Douro comarca da maya Bispado do Porto aonde estava preso o Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Bisconde de Villa Nova de Cerveira Thomaz da Sylva... e jaz sepultado na igreja da mesma freguesia na sepultura numero sexto (sic) de que tudo fiz este assento em virtude de huma certidão extraida de hum termo que se acha no livro dos obitos da mesma freguesia passada pelo R. P<sup>o</sup> Vigario Regular Fr. Manoel dos Prazeres monge de S. Bento a qual certidão foy passada aos seis dias do mes de Fevreyro e se me appresentou no dia vinte e sette do mesmo mes de Fev.<sup>o</sup> de que fiz este termo que assiney nesta minha igreja e Colegiada de S. Lourenço do qual o Ex<sup>mo</sup> Senhor Bisconde era freguez aos mesmos vinte e sette dias do mês de Fevereiro deste presente anno, etc.*

À margem deste assento está escrito: *o Ill<sup>mo</sup> e E<sup>mo</sup> Bisconde de V<sup>a</sup> Nova de Cerveira Thomaz da Sylva T. Men. e fez testamento. Foy sepultado na... de N. S. do Carmo com os pés descalços e levado por quatro soldados no esquife dos pobres.*

E depois: *Hũm general, hũm Conselheyro de Guerra, hũm Gentil Home da Camara! e hum Embaixador plenypotenciario na Corte de Espanha — neste desengano foraõ as glorias e as grandezas do mundo em hum homẽ, em hum ... superior e mayor do q̃ a mesma grandeza. Requiest in pace.*

Assim morreu um dos maiores fidalgos do seu tempo! Passados alguns anos, por decisão de seu filho, então ministro, a memória de D. Tomás da Silva foi rehabilitada.



Foi primeiro filho varão do infeliz D. Tomás da Silva e de sua mulher D. Maria de Lima, D. Tomás Xavier de Lima Vasconcelos e Brito Nogueira da Silva. Foi este o 13.º visconde de Vila Nova de Cerveira e 1.º marquês de Ponte de Lima de juro e herdade <sup>(33)</sup>. Exerceu

<sup>(31)</sup> *Livro de Obitos*, fl. 29.

<sup>(32)</sup> E não 1760, como escreve Braamcamp (*Brazões da Sala de Cintra*, livro 2.º, pág. 111).

<sup>(33)</sup> Despacho de 17 de Dezembro de 1790 (*Gazeta de Lisboa* de 24 do mesmo mês e ano).

os altos cargos de gentil-homem da câmara e mordomo-mor de D. Maria I, presidente do Real Erário e do Conselho do Estado e foi ministro e secretário de Estado dos negócios do Reino e da Fazenda. Casou com D. Eugénia Maria Josefa de Bragança, filha dos 4.<sup>os</sup> marqueses de Alegrete.

Dos livros paroquiais de S. Lourenço constam os assentos de baptismo dos seguintes filhos:

Maria, em 26 de Maio de 1751 <sup>(34)</sup>; Eugénia, em 10 de Abril de 1752 <sup>(35)</sup>; Mariana, em 15 de Maio de 1753 <sup>(36)</sup>; Tomás, em 21 de Maio de 1754 <sup>(37)</sup>; Maria, em 4 de Maio de 1755 <sup>(38)</sup>; Maria Margarida, em 20 de Junho de 1757 <sup>(39)</sup>; Fernando, em 28 de Maio de 1758 <sup>(40)</sup>; Ana Gertrudes, em 6 de Setembro de 1760 <sup>(41)</sup>; José Domingos, em 6 de Junho de 1762 <sup>(42)</sup>; Gertrudes Maria e Teresa Maria, em 21 de Outubro de 1763 <sup>(43)</sup>; Domingos, em 4 de Janeiro de 1766 <sup>(44)</sup> e Joaquim, em 8 de Outubro de 1768 <sup>(45)</sup>.

Destes treze filhos dos 13.<sup>os</sup> viscondes de Vila Nova de Cerveira consta sòmente dos referidos livros paroquiais o falecimento da filha primogénita, Maria Domingas, em 8 de Setembro de 1765, com catorze anos de idade <sup>(46)</sup> e Teresa Maria, uma das gémeas, com um ano apenas <sup>(47)</sup>.

D. Tomás faleceu, com setenta e três anos, em 1800, conforme reza o seguinte assento de óbito <sup>(48)</sup>: *Aos vinte e um dias (49) de Dezembro de mil e oitocentos se sepultou no carneiro desta Igreja o Ill<sup>mo</sup> e E<sup>mo</sup> Senhor Marquez Mordomo Mor D. Thomaz Xavier de Lima Brito Nogueira Telles da Silva e Vasconcellos primeiro Marquez de Ponte de Lima e décimo quarto (50) Visconde de Vila Nova de Cerveira. E não recebeu todos os sacramentos por morrer aceleradamente. Não consta que fizesse testamento.*

<sup>(34)</sup> Livro 3.<sup>o</sup> de Baptismos, fl. 40.

<sup>(35)</sup> Idem, fl. 44.

<sup>(36)</sup> Idem, fl. 46.

<sup>(37)</sup> Idem, fl. 50.

<sup>(38)</sup> Idem, fl. 54.

<sup>(39)</sup> Idem, fl. 69.

<sup>(40)</sup> Idem, fl. 80.

<sup>(41)</sup> Idem, fl. 96.

<sup>(42)</sup> Idem, fl. 107.

<sup>(43)</sup> Idem, fl. 115 v.

<sup>(44)</sup> Idem, fl. 129.

<sup>(45)</sup> Livro 4.<sup>o</sup> de Baptismos, fl. 9.

<sup>(46)</sup> Sepultada na capela-mor (Livro 2.<sup>o</sup> de Obitos, fl. 207, v.).

<sup>(47)</sup> 17 de Setembro de 1764 (Idem, fl. 205, v.).

<sup>(48)</sup> Livro 3.<sup>o</sup> de Obitos, fl. 79.

<sup>(49)</sup> E não a 23, como erradamente diz Braamcamp (ob. cit.).

<sup>(50)</sup> É engano; era o 13.<sup>o</sup>.

Cinco anos antes tinha falecido sua mulher <sup>(51)</sup>: *Aos trinta dias do mês de Março de mil setecentos e noventa e cinco faleceu a Ilustríssima Senhora Marquiza de Ponte de Lima Dona Eugenia Josefa Maria de Bragança e se sepultou no primeiro de Abril no carneiro desta Igreja jazigo de sua casa.*

Já havia falecido também, em 2 de Junho de 1781, seu filho mais velho, o 14.º visconde de Vila Nova de Cerveira <sup>(52)</sup>.

Nesse ano em que faleceu tinha sido baptizado seu filho, Manuel <sup>(53)</sup> e no ano anterior, Tomás <sup>(54)</sup>.



Mais dois registos de óbitos: em 28 de Outubro de 1802 faleceu D. Vitória Isabel Xavier da Silva, dama camarista da Rainha D. Mariana Vitória <sup>(55)</sup> e no dia 29 de Outubro de 1807 D. Helena Xavier de Lima, dama da Rainha D. Maria I <sup>(56)</sup>.



Foi 15.º visconde de Vila Nova de Cerveira e 2.º marquês de Ponte de Lima, D. Tomás Xavier de Lima Brito Nogueira Teles da Silva Vasconcelos, que faleceu neste palácio, no dia 5 de Fevereiro de 1822 <sup>(57)</sup>. Havia casado com D. Helena José de Assis Mascarenhas, que faleceu vinte e quatro anos depois, a 16 de Abril de 1846 e foi sepultada ainda no carneiro da igreja <sup>(58)</sup>. Viveram grande parte de sua vida em Aveiro. Nesta cidade nasceram, e foram baptizados na igreja de Vera Cruz, seus filhos. Em S. Lourenço só consta o nascimento de D. Maria do Patrocínio <sup>(59)</sup>.

<sup>(51)</sup> Livro 3.º de Obitos, fl. 53, v.

<sup>(52)</sup> Idem, fl. 53. Sua mulher, D. Maria José de Assis Mascarenhas, faleceu *accleradamente* no dia 25 de Março de 1825 (Livro 5.º de Obitos, fl. 17, v.).

<sup>(53)</sup> Livro 5.º de Baptismos, fl. 590.

<sup>(54)</sup> Idem, fl. 51 v. Faleceu em 1786 (Livro 3.º de Obitos, fl. 89). D. Helena, outra filha, faleceu também neste palácio no dia 21 de Novembro de 1856 (Livro 5.º de Obitos, fl. 138).

<sup>(55)</sup> Livro 4.º de Obitos, fl. 88 v.

<sup>(56)</sup> Idem, fl. 12.

<sup>(57)</sup> Livro 5.º de Obitos, fl. 2. António Pereira de Figueiredo publicou o «Elogio Funebre do Senhor D. Tomaz de Lima XV Visconde de Vila Nova da Cerveira».

<sup>(58)</sup> Idem, fl. 97 v.

<sup>(59)</sup> Livro 7.º de Baptismos, fl. 106, v.



D. José Maria, o primogénito dos segundos marqueses de Ponte de Lima, foi uma curiosa figura de fidalgo do século passado — o mais filósofo e original dos grandes fidalgos portugueses do século XIX, como o definiu Malheiro Dias. Esbanjou em sucessivos actos de filantropia toda a sua enorme fortuna. Morreu pobre mas estimado, venerado mesmo por quantos o rodeavam. Sucedeu-lhe, por pouco tempo, seu irmão, João. Ambos não tiveram descendência, pelo que herdou toda a casa — a arruinada casa dos Cerveiras e Limas, dos Nogueiras e Britos — sua irmã D. Helena Luísa Xavier de Lima.



Um curioso registo paroquial <sup>(60)</sup>:

*Aos quinze dias do mês de Novembro de mil oitocentos e vinte e sete nesta parochial Igreja de S. Lourenço de Lisboa, Baptizei solenemente a huma minina a quem se poz o nome de Helena que hoje mesmo foi achada no cimo da escada do Palacio do Ill<sup>mo</sup> e E<sup>mo</sup> Marquez de Ponte de Lima, sobre hum banco que esta junto ás Portas da Sala, vestida com hum vestido de chita desbotado envolta em hum chale de caça Branca com riscas azuis, com hum coeiro escuro, cingida com hum bocado de bainha cortado e trazia hum escripto, que dizia tinha nascido a treze do presente mes e anno e não estava Baptizada. Forão Padrinhos o II<sup>mo</sup> e E<sup>mo</sup> Dom João Luiz Gonzaga Xavier de Lima e D. Maria do Patrocínio Xavier de Lima ambas assistentes no Palacio de Seu Irmão o E<sup>mo</sup> marquez de Ponte de Lima.*



No dia 14 de Janeiro de 1819 faleceu no Palácio o Reverendo Domingos António Baptista Garbo <sup>(61)</sup> e no dia 5 de Fevereiro de 1839 o conde de Sabugal, D. Manuel de Assis Mascarenhas, viúvo da condessa D. Maria Ana Teles da Gama, *moradores no Palácio da Rosa* <sup>(62)</sup>.



D. Helena Luísa do Santíssimo Sacramento Josefa Francisca de Assis Ana de Lima Brito Nogueira foi, como dissemos, a herdeira da casa dos viscondes de Vila Nova de Cerveira.

<sup>(60)</sup> Livro 8.º de Baptismos, fl. 176.

<sup>(61)</sup> Livro 4.º de Obitos, fl. 226 v. Foi enterrado junto da capela-mor.

<sup>(62)</sup> Livro 5.º de Obitos, fl. 74.



Em 1835 casou neste Palácio da Rosa <sup>(63)</sup> com o 4.º marquês de Castelo Melhor, 8.º conde de Calheta, indo residir para o Palácio dos Restauradores. Seu filho, o célebre cavaleiro tauromáquico D. João de Vasconcelos e Sousa, 5.º marquês de Castelo Melhor, morreu sem descendência legítima, pelo que lhe sucedeu nos títulos nobiliárquicos sua irmã D. Helena Maria, que foi, assim, a 6.ª marquesa de Castelo Melhor e 10.º condessa de Calheta. Morta sua tia D. Ana Xavier de Lima, sucede-lhe também nos bens da casa de Ponte de Lima. Desta sorte se uniram duas das principais casas do reino.

O Palácio da Rosa, dos Vila Nova de Cerveira e Ponte de Lima, passou, assim, a pertencer à família Castelo Melhor e por este nome foi geralmente conhecido desde então.

D. Helena já faleceu em S. Lourenço, onde, de há muito, depois da morte de seu marido, residia.

Seus filhos ainda nasceram no Palácio dos Restauradores.

Por morte, crianças ainda, dos dois únicos filhos varões, veio de novo a casa a cair na posse de uma Senhora — a filha mais velha, D. Helena.

Além dos títulos de marquesa de Castelo Melhor, de viscondessa de Pinheiro, de condessa da Calheta e representante dos títulos de marquês de Ponte de Lima e visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Helena usou, também, pelo seu casamento, o de viscondessa da Várzea.

De seus filhos, os actuais proprietários do Palácio: D. Helena <sup>(64)</sup>, D. Bernardo, 5.º conde de Castelo Melhor <sup>(65)</sup>, D. Maria Emília e o actual marquês de Ponte de Lima, só os três primeiros nasceram em S. Lourenço. Neste palácio, também, nasceram cinco dos dez filhos de D. Bernardo: D. João e D. Maria da Pureza, D. Helena Luísa, D. Manuel e D. António <sup>(66)</sup>.



As datas, ou mesmo as épocas, em que foi reconstruído o Palácio de S. Lourenço é impossível precisar.

Em 1505-1508, como dissemos, já estavam aforados aos seus proprietários o troço da muralha fernandina e os chãos vizinhos. Quando

---

<sup>(63)</sup> *A Descendência Portuguesa de el Rei D. João II*, vol. II, pág. 14, por Fernando da Silva Canedo.

<sup>(64)</sup> Casou, na capela deste palácio, no dia 16-2-1926 com o Príncipe François Marie Constant Amédée Roberto de Broglie.

<sup>(65)</sup> Sua mulher, D. Maria da Luz de Melo Breyner, faleceu neste mesmo palácio no dia 14-1-1932.

<sup>(66)</sup> *Desc. Portuguesa*, etc., vol. cit., pág. 16 e 17.

o foram, ignoramos. Nessa altura se teria decerto procedido a obras de alargamento do núcleo primitivo.

Mais tarde, uns anos anteriores a 1625, realizaram-se novas obras. A ocultas do Senado da Câmara e *sem a cidade dar para isso licença* — o então proprietário mandou, para ampliação do edifício, minar a muralha, *em largura e altura de um corredor*, que começava na galeria das casas, *até abaixo do muro* que ia para as portas da Mouraria <sup>(67)</sup>.

Deste prazo — que, como vimos, já estava aforado em 1505-1508 — conseguiu, em 1798, o então marquês de Ponte de Lima o *domínio directo*, isto é, a remissão do foro. Já estavam, então, as *Torres e Muralhas antigas da cidade* destruídas e encorporadas entre o Palácio e o Picadeiro <sup>(68)</sup>.

Mestre Vieira da Silva descreve-nos deste modo <sup>(69)</sup> o estado actual da muralha na parte que confina com o palácio: «A parte mais alta, junto à Rua da Costa do Castelo, acha-se semidemolida, mas reconhecível; encostada ao muro da cerca segue-se uma cozinha do palácio, cujo fogão foi encaixado no muro e a chaminé erguida sobre ele; há depois um troço de galeria com o pavimento de nível, a que faz seguimento um lanço de escada, também dentro do muro, que desce para o salão setentrional do andar nobre do edifício; a este segue-se um outro lanço de escada, a descoberto, que conduz ao jardim. Esta escada foi talhada no interior da muralha, para o que foi demolida em parte; e em toda a extensão do topo norte do jardim está o muro servindo de suporte a uns pátios que lhe ficam ao norte, e de nível com o muro rasado.

«Pouco adiante da extrema do jardim notam-se ainda, no topo do muro cortado a prumo, vestígios da galeria; mas daí por diante até à Rua da Mouraria foi o muro demolido, e dele não restam vestígios».



O terramoto de 1755 destruiu consideravelmente o edifício, não nos merecendo, contudo, crédito a notícia de que *ficou queimado* <sup>(70)</sup>. Houve, então, o indispensável restauro, ou melhor, nova reedificação. Todo o aspecto exterior da propriedade se transformou, por certo.

Quase século e meio depois o palácio beneficia de grandes melhoramentos. Estava já na posse da casa Castelo Melhor; mas é o proprietário de então, João da Silveira Pinto da Fonseca, visconde de Várzea, que casou com a 7.<sup>a</sup> marquesa, D. Helena Maria, quem transformou

<sup>(67)</sup> *Elementos*, etc., tomo III, pág. 215.

<sup>(68)</sup> Caixa de foros, 16/16 do Arq. da C. M. L.

<sup>(69)</sup> *A cerca fernandina de Lisboa*, vol. I, pág. 38.

<sup>(70)</sup> *Códice 1772*, fl. 4 a 56 v. (Bib. Nac. de Lisboa).

quase por completo o *facies* architectónico do edificio e restaurou e ampliou a propriedade.

O histórico palácio estava numa ruína completa, sucumbira também com o declínio de uma das mais opulentas casas do reino. O terceiro marquês de Ponte de Lima, grande fidalgo, mas não menos filósofo, desbaratara, como dissemos, toda a fortuna da casa de seus maiores.

«À sua morte — escreve o autor das *Cartas de Lisboa* <sup>(71)</sup> — o enorme palácio era quase um montão de escombros, inabitável e sinistro, onde se refugiavam os perseguidos da polícia, nas rugas da Mouraria. Durante muitos anos o glorioso edificio, que fora sete séculos o solar dos Limas, esteve convertido em velhacouto de ladrões e albergue de mendigos, que o consideravam abrigo inviolável, onde para sempre se lhes perdia o rasto e onde nunca se aventuravam os beleguins da judiciária».

E Malheiro Dias conta-nos:

«Recolhendo uma noite mais tarde, o velho marquês encontrou-se à porta com um mendigo andrajoso, que lhe perguntou, de má catadura:

— Também vossemecê mora aqui?

Ao que o marquês responde com ar humilde:

— Também cá moro...

Entraram os dois, o mendigo na frente, com direitos indisputados de inquilino mais antigo.

A mesma cena repetiu-se ainda algumas noites, até estabelecer-se entre ambos a intimidade necessária às confidências de onde resultou ficar sabendo o marquês o processo engenhoso de que se servira o mendigo para se apossar de um alojamento no palácio.

— Durante meses, ao passar em S. Lourenço, o maltrapilho observava que uma janela do palácio se conservava inalteravelmente entreaberta. Da observação veio a persuadir-se de que não era habitado o aposento e logo a ideia de o eleger em domicílio. Para mais segurança, passou a atirar pela fresta, todas as noites, uma pedra. Ao fim de um mês saltou ele mesmo a janela. Encontrou as trinta pedras. Instalou-se.

O marquês, maravilhado, mandou-lhe lá pôr, no dia seguinte, uma cama».

Era assim esta curiosa figura de português *vieille roche*.

(Continua)

---

(71) Vol. II, pág. 109.

# UM PASSEIO NO BAIRRO ALTO

(DE S. ROQUE A JESUS PELOS INGLESINHOS)

Conferência proferida na sede do Grupo, em 13 de Maio de 1950, pelo Dr. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

Esta cousa da apresentação laudatória e lisonjeira com que a gentileza dos Presidentes, costuma iniciar as conferências, pode, por vezes, e agora é o caso, prejudicar o conferencista.

Os que o não conhecem, seguindo o costume da época, em esperar mais e melhor, ficam por vezes desiludidos, recebendo menos do que esperavam.

E isto, confessemos, não é nada bom.

Hoje, porém, VV. Ex.<sup>as</sup> todos, conhecem a gentileza, amabilidade e benevolente parecer do Sr. Presidente, o Prof. Celestino da Costa, meu mestre, e a craveira do dizedor. Não há, portanto, perigo. Vai ser com desejos de melhor, felizmente para VV. Ex.<sup>as</sup>, menos, para não parecer pior.

Isto não obsta a que me renda, agradecido, às palavras de S. Ex.<sup>a</sup>, que não mereço, mas que registo, como prova da sua amizade, que muito prezo, porque muito vale; recordação de mais de 35 anos, em que tive a honra do ser seu aluno — não sirva isto para parecer que S. Ex.<sup>a</sup> é velho — estava então S. Ex.<sup>a</sup> no início da sua carreira de catedrático e eu tinha 20 anos!

Sr. Presidente:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Tal qual como da nossa última palestra, é esta uma repetição do que foi dito em pleno Bairro Alto na Travessa dos Inglesinhos na sede da Casa Regional de Ferreira do Zêzere quando em 1940 o nosso Grupo andou colaborando com a Federação de Instrução e Recreio, sob o patrocínio do jornal «O Século», em missão de extensão cultural — A bem de Lisboa.

Porque sou também sócio fundador daquela casa regional, a palestra foi delineada, para, sendo proferida ante naturais daquela re-

gião, agradecer aos ouvintes e por isso contém vastas alusões campestinas.

Hoje, o caso é diferente, falo para conterrâneos, é mister explicar-me. Descansem, lá mesmo, então, não abdiquei, nem escondi a minha naturalidade; antes pelo contrário, proclamei-a de entrada.

Disse então, e repito-o agora; porque julgo útil que fique registado como o nosso Grupo colaborou nessa feliz iniciativa, dispersando os seus elementos activos pelos vários bairros da cidade, adaptando os seus dizeres, ao ambiente onde falavam e à mentalidade e gostos dos auditórios.

Comecei assim em 1940:

Sou de Lisboa.

Simplesmente, tal qual como no meu coração, se albergaram sempre sem ressentimentos ou animosidades íntimas; os afectos, que, Deus quer que hoje sejam saudosos uns, reais e palpáveis outros; o amor que nutri pela Avó que conheci, e pela Mãe que tive, e que Deus tenha em bom lugar; e o que nutro pela Esposa e Filha que tenho, graças a Deus; assim o affecto exuberante de sinceridade que nutro pela nossa Pátria — Portugal de todos nós — não exclui, antes inclui, a amizade carinhosa pela minha terra natal — esta Lisboa das sete colinas — e pelo vosso ubérrimo torrão a que me ligam, recordações, interesses e onde também tenho casa.

Eis por que gostosamente me associei, logo de início, aos que agremiaram os naturais de Ferreira do Zêzere, que na minha terra, de que sou um dos «Amigos», labutam e vivem.

Foi-me, até grato saber que a minha vinda aqui, resultou de uma solicitação especial vossa, prova de carinho que mais me prende e cativa e muito agradeço.

Se, porém, foi além desse carinho, o desejo de ter um bom orador, gorado ficou o propósito, porquanto sou um mero conversador, de costume entre amigos de Lisboa, nas suas peregrinações culturais.

Serei, pois, breve, prometo pouco exceder a meia hora, no modesto dos meus dizeres e entre amigos me sinto hoje também como vosso consócio que sou.

Falar sobre Lisboa não é tarefa fácil, tão grande e tão bela ela é na sua história e na sua beleza.

Porém... a despeito do nosso pouco saber, mas com a benevolência dos que me ouvem, falaremos.

Falaremos do bairro onde estamos de tradição e história pitorescas.

Desde o Loreto aos Moinhos de Vento e de S. Roque aos Inglesinhos muito é o que anda escrito e descrito nas evocações dos seus acontecimentos. Não só os historiadores também os romancistas e os contistas têm glosado este bairro, até mesmo os poetas antigos e modernos.

Além do velho «refrain»:

*Eu venho do Bairro Alto  
Com 25 facadas  
É o que sucede aos galantes  
Por causa de mal casadas.*

Ou a sua variante:

*Eu venho do Bairro Alto  
Com vinte e cinco feridas  
Por andar tangendo amores  
À adufa das raparigas.*

Por que hoje, deambular pelo bairro, já não é perigoso e quase também perdeu as características de amor desbragado e mercenário nos «Cantos de Lisboa» diz-nos Castelo de Moraes

*Janelas descem de todo  
As portas sobem metade  
O Bairro Alto está morto  
Em cheiro de santidade.*

Não é bem assim, mas a despeito de ele dizer também:

*Adeus ó ginja do Paco  
Adeus bifes do Tacão  
A velha estúrdia geme  
Em acto de contrição.*

É decerto contrição muito arrastada o que se sente ainda por aí.

Nem restam já os pregões — tão lindos e tão musicais como todos os de Lisboa já enumerados por Júlio de Castilho, que, não esquecendo este bairro, Martinho de Brederode — vivendo no seu antigo poiso diplomático, lá para os Balcãs — rimava no seu livro «Sul», depois de citar a «biba da costa» das ovarinas, e o «chega, chega lá p'ra diente» dos leiteiros com vacas pelas ruas, que uma higiénica medida fez afastar para os subúrbios da cidade.

Diz o poeta:

*Quando o Bairro Alto, às portas adormece  
Nas horas brancas que a manhã ameiga  
Sacudida voz — rápida oferece  
Pão quente... Pão quente com manteiga...*

*De manhã cedo: Fava Rica ...triste  
 À noite forte em r r mexilhão  
 E em vários tons de voz amiúdo insiste  
 É o carapau «dé réis o quarteirão».*

*Pregões diversos de vários estilos  
 Lulas p'ra tijelada — ouve-se bem  
 Quem quer cebola — vinte e cinco o quilo  
 Agriões — 12 molhos um vintém.*

*Pregões de Bairro Alto macilento  
 Que voz esganiçada de mulher  
 Pregão de velha — espaça-se o embirrento,  
 Meninas — têm cabelo p'ra vender.*

e quantos outros!...

Até o belo espírito de Tomás Ribeiro, prosador, conselheiro e poeta, nos diz na «Judia» referindo-se a Lisboa, depois dela ter percorrido o Mundo inteiro, anota enternecidamente, ele, o poeta beirão, enamorado da nossa terra:

*Se a triste da Judia ousasse ter desejo  
 De Pátria sobre a terra, aqui prendera o seu!*

É certamente Lisboa no seu aspecto geral, coisa bela, essa Lisboa que o ditado diz: «Quem não viu Lisboa não viu coisa boa», tão boa, que até os espanhóis com o seu orgulho, tão legítimo, do que é seu, consentiram em incluir, no seu adagiário reclamativo de belezas naturais, junto com: «Quem não viu Sevilha não viu maravilha», «Quem não viu Granada não viu nada» relativas a terras suas, um relativo a Lisboa que na língua original diz: «Quien no vido a Lisboa, no vido cosa boa», como no seu mimoso trabalho «Lisboa na Paremiologia Peninsular» nos diz o nosso falecido confrade, poeta e académico, Dr. Alfredo da Cunha.

Sim, Lisboa num apanhado geral é bela, tem de tudo e de todas as épocas, desde a Torre de S. Vicente, essa jóia arquitectónica da época das conquistas engastada no Tejo a par de Belém até aos Jerónimos de D. Manuel I lá nos confins do seu âmbito do lado da barra, tendo no centro o vetusto Castelo de S. Jorge, agora renascido e a sua Sé gótico-românica, que de maravilhas e amores de luz, arquitectura e cor, a casa do Menino Deus, as casas de ressalto do Benfornoso e do Capelão,

na Mouraria, a Casa dos Bicos na Ribeira, a Conceição Velha, restos da nossa primitiva Misericórdia—essa sublime criação de D. Leonor—até Santos-o-Velho, Grilos e Madre de Deus, onde jaz a excelsa Rainha, que de belezas, de todas as épocas, cheias de esplendores!

Até mesmo de agora da época dinâmica que passa, temos, de mistura com muito cimento inestético, o que de grandioso se pode conceber no estilo da época: o Instituto Superior Técnico e os Bairros Novos que se seguem. Basta passeá-los, como soi dizer-se nos nossos campos, para os apreciarmos.

A muitos de vós, ela tem sido uma segunda Mãe natal, e bem hajam os que vieram, porque pelo seu trabalho honrado a tem movimentado.

Mas sobre ser uma cidade grande, bela, a primeira para nós, Portugueses, e uma das primeiras do Mundo, vive nela ainda e sempre a alegria sã, a vida estuante de trabalho e a fé e a mística tal qual como nos nossos campos e nas nossas aldeias.

É percorrer os bairros, entrar nos bailes, arraiais, nas Capelas e Igrejas, nos grupos e salões; pois de tudo há neste velho e grande burgo. Têm, é certo, cunho próprio, cor, vida, história sua, mas não enjeitam o seu feitio português a despeito da terra ser cosmopolita.

Quereis as procissões das vossas aldeias e lugares, tendes desde a velha procissão do Ferrolho da época de Quinhentos até às nossas contemporâneas do Senhor dos Passos da Graça e de Nossa Senhora da Saúde, agora revivendo. Quereis os bailaricos e arraiais, tendes a véspera de Santo António com a Praça da Figueira alumuada e dançante. Quereis as competições desportivas de cunho local tendes os desafios entre bairros.

E se quiserdes os ranchos das vossas freguesias e lugares tendes as marchas cantantes dos bairros que as festas de Lisboa fizeram surgir e as festas dos Centenários fizeram ressurgir.

Vós, pois, os de longe, tendes como cenários novos, predilecções, gostos e espectáculos do tipo dos vossos e com cor e vida semelhantes.

Mesmo para vós, ferreirenses, que tendes o vosso concelho debruçado em alcantis floridos e férteis sobre o vosso Zêzere, de encantos e lendas, deveis-vos sentir bem nesta Lisboa, também reclinada sobre o Tejo maravilhoso das conquistas, que lhe deu o ser e ela embeleza e enobrece e com quem, graças a Deus, oito séculos passados volta a reconciliar-se.

Até nas devoções místicas, como nas solitárias capelas dos campos, aqui no coração do vosso bairro o Senhor Jesus do Patrocínio, além no vale da Rua Possidónio da Silva o Senhor Jesus do Triunfo, quase em Alcântara o Senhor Jesus dos Perdões, que foi na Bempostinha, ou o

Senhor Jesus dos Terramotos na sua capela perdida nos confins da Rua do Arco do Carvalhão.

Ao nosso temperamento de arqueólogos quadra bem e serve ao lema educativo desta palestra falarmos de velharias. Como bons católicos que somos, ao dobrarmos a esquina da Rua dos Caetanos para a Travessa dos Fiéis de Deus, entremos na capela que lá se nos depara — Fiéis de Deus — sim, montes de pedras que a piedade dos viandantes acumulava sobre as campas dos que não logravam lugar em sagrado, e lá seria, esse local extra-muros onde viria a erigir-se uma capela que teve anexo um recolhimento para filhas de criados do Paço.

Esse recolhimento deve ter sido na casa anexa à Ermida no seguimento da Rua dos Caetanos que desce para o Calhariz e que tem hoje os n.ºs 5 a 9.

Referem os cronistas que cerca de 1600, lá havia um ermitão que antes de ser instituído o cargo, como o foi depois, já tomava conta dos meninos perdidos e tudo a troco de um vintém, com que ele comprava um alqueire de trigo.

Bons tempos! Hoje, a Federação valoriza-o em quinze escudos, embora sem paridade, só para termos pão barato!

Nesta ermida esteve erecta uma irmandade, que hoje anda anexa à do orago, a do Senhor Jesus do Patrocínio, que tem uma história cheia de misticismo parecida com as ingénuas lendas aldeãs.

Um soldado dos Paulistas que, em nossos dias morreu porteiro do Cemitério do Alto de S. João, em sonhos teve a revelação de que nas paredes da capela das Mercês, lá em baixo, esquinando da Rua do Século para a Travessa das Mercês, capela, onde em 6 de Junho de 1699 foi baptizado um Sebastião que viria a ser o primeiro Marquês de Pombal e onde estiveram seus ossos até serem trasladados em 1923 para a igreja da Memória, em Belém, se encontraria uma imagem milagrosa.

Foi-se lá e foi encontrada a imagem; assim nasceu a irmandade, que logo arregimentou bastos irmãos entre os militares.

Mudou-se mais tarde para a igreja dos Caetanos, de que já falaremos e a quando da sua demolição para a capela dos Fiéis de Deus, onde a imagem ainda se encontra à direita de quem entra.

A capela dos Fiéis de Deus foi fundada em 1551 e dedicada às almas do Purgatório.

Lembremos que nesta travessa à esquina da Rua da Barroca, no palácio que foi da Baronesa de Almeida, morou Almeida Garrett cerca de 1840 e lá nasceu sua filha Maria Adelaide.

E recordemos também que pouco mais além, no prédio n.º 9 da Rua da Rosa, há uma lápide, que já esteve no Largo do Carmo, lembra-

mos que lá nasceu em 1825 Camilo Castelo Branco, o infelizmente homem e genial romancista.

Foi, porém, a nossa fé de cristãos, que nos fez suggestionados pela mística história contada, descer até aqui.

O itinerário do nosso passeio será de S. Roque para Jesus.

Vamos, pois, para S. Roque e como refere a cantiga vamos depressa ou seja:

*Vamos para S. Roque, toque, toque, toque.*

Como se diz na velha cantiga que Castilho reproduz:

*Passarinho truqueiro  
Põe-te no ramo  
Quando vires que é noite  
Vem-te chegando*

*Toque — Toque — Toque  
Vamos para S. Roque  
Vamos ver os peraltas  
Se trazem capote.*

S. Roque que teve Rossio com o seu nome, foi sítio aprazível de bela vista e bons ares com olival, basto e florido.

Mais tarde foi cemitério de pestosos e local da ermida do Santo de seu nome, advogado contra a peste, ali colocado como atalaia contra o mal, com relíquias do Santo vindas de Veneza.

A capela foi erigida por devoção dos povos em 1506, num alvoroço tal, que de Alfama, do Chafariz do Rei vinha a água em cântaros floridos aos ombros de nobres e plebeus.

No edificio actual da nossa Misericórdia, num corredor existe uma lápide que em caracteres góticos refere o facto: «Adro da Peste», como então se chamava à volta de 1500.

Depois agradados do local vieram os padres da Companhia e fizeram no seu púlpito pregações, entre outros, o padre António Vieira e o próprio S. Francisco Borja.

Edificaram no local a sua casa, onde depois D. João V, nosso patrício nascido nos Mártires, depositou o mais belo tesouro de maravilha, a capela de S. João Baptista, com o seu recheio e alfaias que constituem hoje a riqueza exposta no museu anexo à actual igreja.

O mais rico e o melhor em toda a parte.

Longe de ser o que quisessem mandar de Itália, donde tudo veio;

existem nos arquivos da casa documentos e provas que atestam que tudo foi delineado, discutido e emendado sob a sanção e vistas régias.

O Duque de Gândia, primeiro diplomata e depois religioso, mais tarde S. Francisco de Borja, encheu a igreja de sagradas relíquias preciosas, certamente a maior colecção nacional, cuja entrada deu origem a uma notável e aparatosa procissão no findar do século XVI.

Hoje, no edifício anexo à igreja, alberga-se a Santa Casa da Misericórdia, vinda da Ribeira Nova, essa instituição benemerente que o conselho inspirado de Frei Miguel Contreiras fez nascer no espírito altruísta de D. Leonor e que em 1498 fez reunir «os homens que fossem de boa fama, sã consciência, honesta vida, tementes a Deus e guardadores dos seus mandamentos, mansos e humildosos a todo o serviço», como refere o seu primeiro compromisso de 1516.

Em azulejos alfacinhas é a igreja dos melhores repositórios da cidade; tem-nos policrómicos, de desenho avulso, de figura em lindos painéis, alguns datados e assinados pelo artista lisboeta Francisco de Matos, 1584.

São de notar as sepulturas do 1.º Patriarca de Lisboa D. Tomaz de Almeida e a do cavaleiro Inglês D. Francisco Tregian, este enterrado de pé, por baixo do púlpito do lado do Evangelho.

Nesta Igreja existia uma capela chamada de Nossa Senhora da Doutrina, onde o Padre Inácio Martins ensinava doutrina aos meninos, seus alunos e leitores da sua Cartilha, de que vos trouxe um exemplar.

Ao tratar das ruínas do Carmo já aludi a história sucinta da Irmandade de S. Roque, que veio a acabar na capela do mesmo nome no Arsenal de Marinha.

Falar de S. Roque, sítio ou local, da sua história e dos seus museus, dava livros e três já temos que a abordam e atingem, o «Carmo e a Trindade», de Matos Sequeira.

E onde cantam galos...

Entremos, pois, no bairro, e façamo-lo pela rua mais perto, para não irmos acima pela apertada rua lateral, esbarrar no palácio dos Ludovices, de história e vicissitudes tão várias, redacção do «Intransigente», de Machado dos Santos, anexos do S. N. I., agência de leilões e hoje «Solar do Velho Porto».

Tomemos por esta Rua da Queimada, que como a sua vizinha da Atalaia até há pouco andavam no sabor poético de evocações campestres ou guerreiras — Queimada ou Almenára — sinais por fogueira — mas que as proficientes investigações do Académico Mestre Gustavo Matos Sequeira nos deram provas de provirem uma, duma certa Ana Queimada — lá moradora; e outra de uma Condessa da Atalaya, que lá teve palácio.

E vêde: Salgadeiras — que o mesmo olisipógrafo refere como sendo uma planta para segurar ribas de terra solta e não é nem sal para porcos nem para peixe; Horta, Vinha, Rosa, etc.

Seguindo-a vamos dar, depois de torcicolar a Rua da Rosa, passando pelas embocaduras da da Barroca, (até parece que estamos nos Chãos ou em Dornes) da do «Diário de Notícias», jornal hoje fugido com o progresso lá para a Rotunda, abandonando a casa que desde Francisco Ameno e Baptista morando anda afeita a letra de forma, e onde Eduardo Coelho e Quintino Antunes fundaram o primeiro jornal diário de dez réis; a antiga Rua dos Calafates — cá está o sabor náutico — só a Rosa que não será Rosa dos Ventos, nem a Rosa das Partilhas na acepção de mulher litigante — mas marco de partilhas ou divisória como era de uso no *Século XVI*.

Nesta Rua do «Diário de Notícias», antiga dos Calafates, um lereiro singular: «Este Colégio ordenou Sua Majestade para nele serem instruídos os Catecúmenos que se veem converter à sua Santa fé Católica. — Fundado em 1579 para educar 14 Mouros vindo de Barbaria». Foi depois lá um Asilo da Infância Desvalida. O Asilo da Rua dos Calafates.

Eis que nos surge o Cunhal das Bolas.

Paremos, que merece.

Visão de judeu rico a embelezar a moradia. Depois desse judeu, que dizem ter-se chamado Pilatos, foi dos Condes de Olhão. Nele morou o Conde da Ericeira, D. Francisco, e por essa época ali se reuniu a Academia dos Generosos, em que pontificaram vultos célebres desse tempo.

Depois esteve lá o Geral, espécie de liceu de então, onde, entre 1810 e 1815 houve um aluno cego que mais tarde viria a ser o consagrado poeta António Feliciano de Castilho. Actualmente é lá o Asilo-Hospital de S. Luís dos Franceses.

Conta Bulhão Pato no seu livro «Sob os Ciprestes» uma curiosa anedota satírica daquele notável poeta que vale a pena referir.

Um dia, foi Bulhão Pato, obrigado em desafronta, a brigar com uns arruaceiros que tinham insultado o Poeta da «Cartilha», e depois de todos presos, Castilho assistia na esquina próxima, encostado ao seu forte bengalão, na sua cegueira de vista com altos revérberos de espírito, quando chegam Herculano e Latino, a quem o Poeta diz contristado: — E eu obrigado a guardar neutralidade armada» — ao mesmo tempo que na mão exhibia a clava!...

Antes de entrarmos nesta Travessa dos Inglesinhos lembremos que aqui bem perto houve um palácio com tradições, o dos Condes de Soure, que tiveram outro na Penha de França, no local de belos pano-

ramas, onde hoje é o bairro da Misericórdia e agora até um mercado municipal.

Nesse palácio funcionou o Teatro do Bairro Alto, dos primeiros de Lisboa, onde se representaram peças de António José o «Judeu» e até houve ópera, onde cantaram as irmãs portuguesas Cecília Aguiar e Luísa Todí, tendo esta última, no bairro, uma rua com o seu nome, a antiga Travessa da Estrela. Ela e sua irmã ganhavam em conjunto em 1767, 708 mil réis.

Nesse teatro exibiu-se a Esteireira ou Francisquinha que, com as suas aventuras galantes, fez morrer o Mestre de Campo José Leonardo Teixeira Homem e fez exilar o Conde de S. Vicente.

Desse teatro foi empresário, após o terramoto, um farmacêutico chamado Varela, que se associou com um entalhador e um pedreiro.

Os primeiros cenários foram da autoria de Lourenço da Cunha, pintor cenógrafo de valor, pai do malfadado lente J. Anastácio da Cunha, matemático célebre, autor da «Voz da Razão» que Aquilino nos biografou.

Neste palácio morou em 1699 D. Catarina, Rainha de Inglaterra enquanto não foi para o palácio da Bemposta e lá morreram em 1885 Anselmo José Braamcamp e em 1887 Fontes Pereira de Melo.

Para fechar falaremos de mais três edifícios notáveis, os Caetanos, Jesus e os Inglesinhos, mesmo que deste seria imperdoável não falar, dá-nos o topónimo à serventia.

Os Caetanos eram um vasto hospício de frades teatinos fundado em 1653 para os clérigos da Divina Providência e lá se albergaram dos maiores sábios do tempo.

D. António Caetano de Sousa o erudito autor da «História Genealógica da Casa Real Portuguesa», o douto D. Tomás Caetano do Bem e o glotólogo Rafael Bluteau. Serviu de aquartelamento aos realistas no tempo de D. Miguel e depois de alojar as aulas de desenho e arquitectura de 1780 a 1835, veio a ruir sob o camartelo do progresso quando em 1836 Garrett ideou o Conservatório de Arte Dramática e de Música, que hoje em edifício próprio lá está; ultimamente valorizado com um lindo mobiliário e um notável museu.

Num palácio próximo, o dos Ficalhos, descreveu o professor D. Tomás de Melo Breyner, nas suas «Memórias» uma edificante cerimónia de lava-pés, em que a fidalguia dos protagonistas activos, os donos da casa e seus parentes, e a pobreza e humildade dos protagonistas passivos — treze velhos pobres do bairro, fazem comover.

Da cena foi o falecido Conde de Mafra, comparsa na sua meninice, que no-la descreve: a velha Marquesa cheia de nobreza de estirpe e coração, lavando e beijando os pés aos pobres que habitualmente esmolavam, à porta do seu palácio; tudo pelo amor de Deus!

Tempos passados, em que há muito que aprender!

Jesus, vasto convento fundado em 1615, depois hospício, hoje casa de saúde.

Na vasta cerca está hoje o Liceu de Passos Manuel, onde, ido do Carmo, fui terminar os meus preparatórios.

Na grande ala do convento que da igreja segue para o lado da Rua do Arco, aloja-se a Faculdade de Letras, sucessora com brilho, do Curso Superior de Letras criado em 1858 e que tantos desvelos mereceu ao seu saudoso fundador o monarca D. Pedro V e onde leccionaram Rebelo da Silva, Consiglieri Pedroso, Teófilo Braga e os médicos Drs. Leite de Vasconcelos e Silva Teles.

Nos andares superiores desta ala, aloja-se a Academia das Ciências de Lisboa; cenáculo erudito de honrosas tradições fundado pelo Duque de Lafões e pelo Abade Correia da Serra, albergando sempre dos nossos melhores valores intelectuais.

Possui rica biblioteca instalada em maravilhosa sala, como todos sabem.

Como antecessor deste cenáculo houve em Jesus um outro que o frade José Mayne fundou e manteve — o Instituto Maynense, com Museu de História Natural e ricas colecções.

Foi nesse Instituto que um médico célebre, o descobridor da quinina, o médico naval e professor Bernardino António Gomes, em 1812 deu origem à criação da Instituição Vacínica para fomentar o uso da vacina anti-variólica, no que foi auxiliado por duas senhoras, uma das quais, por sinal, natural de Tomar.

No último pavimento desta mesma ala está instalado o notável Museu dos Serviços Geológicos e antes o Arquivo Fotográfico de Filipe Folque, o precursor dos Levantamentos Topográficos e Geológicos em Portugal.

A igreja do convento é um belo e majestoso templo com ampla escadaria de acesso.

Nesse templo há uma Ordem Terceira com capela própria e uma Irmandade vetusta, a de Nossa Senhora da Conceição da Escada, aos pés de cuja imagem ajoelharam Reis e plebeus e notòriamente o Mestre de Avis e Nuno Alvares, esse vulto que do auge da grandeza conquistada pelo seu braço forte de português de lei se sublinhou na humildade da sua morte fradesca

A imagem do orago, lá existente, veio de S. Domingos, onde já no tempo de D. Afonso II sob o nome de Nossa Senhora da Corredoura ou da Purificação, tinha uma ermida encostada à igreja, e por onde se subia por uma longa escadaria de 31 degraus e daí o chamar-se da escada, sua invocação actual.

A quando da ocupação filipina em 1580 os castelhanos saquearam a ermida.

Depois do desacato, piedade devota levou a imagem a esconder-se nuns cardais perto do local onde foi a Rua dos Cardais a Jesus, hoje chamada de Eduardo Coelho por nela ter falecido este ilustre jornalista, cujo monumento vemos em S. Pedro de Alcântara.

Transportada posteriormente para o convento de Jesus, consta que o sítio onde estava colocada, no claustro foi o único que escapou ao terramoto. Hoje tem capela própria na igreja, com altar privilegiado, ainda perdura a Irmandade e a sua festa é no primeiro domingo de Maio.

Por ter sido considerada Padroeira da Marinha arregimentou na sua Irmandade muita gente do mar.

Falar do sítio de Jesus como do sítio de S. Roque é um nunca acabar de citações e datas e que interessante seria referí-las, mas a maioria dos que me ouvem prefere de certo danças modernas e seguramente não está para ouvir estas cantigas antigas.

Vamos terminar — os últimos serão os primeiros — Inglesinhos, colégio fundado em 1632 por Pedro Coutinho que jaz na capela-mor, destinava-se à formação de clérigos missionários para a Irlanda e para lá vieram depois Irlandeses católicos com um seminário com a invocação de S. Pedro e S. Paulo. Os seus alunos são os padres que nas ruas sempre se viram com a tirinha vermelha sobre a batina.

E chegamos ao fim de deambular.

Nem sempre, e até quase nunca, as reminiscências actuais neste bairro são conformes com os letreiros das serventias.

Assim, na Rua da Vinha, quase a tal não cheira, a despeito de Castilho lá ter descrito uma videira notável pelo tamanho.

Não se vislumbra sal na Rua das Salgadeiras e por isso não será para estranhar que vós se visionasteis pelo título, suculento acepipe literário ou histórico, tivésseis franca decepção por ter-vos servido frugal merenda que se não rescende a récipe profissional também não deixa vislumbrar grande labor de investigação.

Mera palestra, mais simbólica, pela extensão cultural do nosso Grupo, e pela bela iniciativa da vossa Federação, que oxalá perdure e resulte.

Que me perdoem os que escutaram, mormente os meus pares, tão amáveis em ter vindo, sobretudo V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente Dr. António Baião, que de todos é Mestre tão sabedor.

Conversámos e passeámos; já cansados, vós de me ouvir, e eu de andar, posto que só em espírito, sentemo-nos para descansar, neste adro dos Inglesinhos sobranceiro ao vale da Rua Formosa; não é tão ensombrado como seria o da vossa paradisíaca Castanheira, em que

a ramaria do verde pinho se esbate e reflecte nas águas azuladas do vosso Zêzere que Alfredo Keil cantou e pintou com tanto carinho, e que dominada pela velha ermida romana de S. Pedro de Castro, nos recordam os mouros e cristãos na sua luta de sempre; mas também é bonito e remançoso e tão belo que os louros filhos da velha Albion à sua quietude vêm buscar os hábitos místicos para o seu santo sacerdócio.

Desse adro debruçados, veremos lá em baixo ao fim da Calçada dos Caetanos o terraço do «Bichinho de Conta» sobranceiro ao chafariz e fronteiro ao palácio dos Carvalhos — onde hoje estão dependências do jornal «O Século» e onde nasceu o Marquês de Pombal, como uma lápide lá o atesta.

Da vida da primeira fiel amorosa que desposou o filho do Ministro de D. José, fala-nos Rocha Martins no seu romance, da vida do segundo fala-nos a reconstrução da Cidade e o ordenamento dos estudos universitários, entre tantos dos seus feitos.

Fronteiro ficam as lindas dependências do antigo palácio com o belo chafariz de Carlos Mardel; num dos ângulos da praceta que emparceira com o chafariz aloja-se hoje a Liga dos Combatentes da Grande Guerra com belo e evocativo museu, messe, tipografia, etc., e sobretudo com operosa e eficiente acção benemérita em prol dos velhos combatentes.

Do lado da Calçada dos Caetanos, onde é a entrada, fica paredes meias com a casa onde faleceu Ramalho e Oliveira Martins e onde hoje mora António Ferro.

Terminámos a jornada.

E... como à porta das igrejas é costume pedir, eu também vos peço, que as palmas que é costume dar e a vossa delicadeza decerto me vai oferecer, e eu não mereci; as endosseis à minha querida Lisboa dos meus amores e à vossa linda Ferreira também dos meus encantos.



E foi assim que numa noite de Abril de 1940, em pleno Bairro Alto, aos Ferreirenses, eu cantei Lisboa.

3-5-950.

Disse.

# CINZAS DE LISBOA

I — A REALEZA  
II — A RELIGIÃO  
III — A CIDADE

IV — O TEJO  
V — A CULTURA  
VI — BIBLIOGRAFIA

Pelo Padre RUELA POMBO

COM LICENÇA...

Os prelos e as máquinas rotativas têm já estampado muitas centenas de OBRAS referentes à História de Lisboa, mas estes assuntos velhos e antigos ainda estão muito longe do fim, tanto pelo lado da novidade inédita dos factos, como do seu contorno e extensão episódica ou social...

Podemos afirmar: que LISBOA, na sua exploração literária, será sempre uma... mina riquíssima para as lucubrações dos investigadores sérios e honestos.

A história é... uma ressurreição.



Visto que os AMIGOS do «nosso» Grupo, — populares — homens e senhoras, não são capazes de ler artigos anchos e pesados, com carga aparatosa de documentação, vou repartir, em pedacinhos leves, estas minhas considerações olisiponenses, diversas e variadas.

EL-REI D. SEBASTIÃO — O DESEJADO  
O CARDEAL-REI D. HENRIQUE

I — A 22 de Agosto de 1578, sexta-feira, nos Paços do Duque de Bragança, onde estava aposentado, os Fidalgos juraram o Cardeal D. Henrique como governador e futuro sucessor do Reino, «*em-mentes se não sabia se el-rei D. Sebastião era vivo ou morto, pois todos afirmavam que escapara...*»

Fosse como fosse, «alguns Fidalgos desses que ficaram e não foram à jornada de África, apertavam com o Cardeal que mandasse: se fizessem as exéquias de el-rei D. Sebastião de morto, pois o queriam a ele erguer por Rei...»

As exéquias, segundo o estilo, realizaram-se «na quarta-feira, aos 27 dias do mês de Agosto, quebrando escudos e arrastando bandeira...»



No dia 28, foi então jurado Rei o Cardeal D. Henrique na Igreja do Hospital de Todos os Santos, no Rossio.

— «Porque a gente toda andava com tão demasiada desconsolação, ordenou logo El-rei D. Henrique: que nesta cidade de Lisboa e em todo o Reino houvesse procissões e, nelas, prègações, em que os prègadores esforçassem a gente e a consolassem de tamanha perda, as quais houve muito solenes, com sermões de prègadores insignes, onde dispunham, de sua parte com todo o seu saber, por consolar a gente, mas... nem isso bastava, se não fora a Misericórdia de Deus e a sua Graça...»

Pingo e ponto final a este primeiro parágrafo, que trata de dois assuntos importantes: a quebra de escudos pela morte de D. Sebastião, e o levantamento ou aclamação de D. Henrique, em Agosto de 1578.

Em Lisboa e nas cidades principais, sempre se choraram os reis mortos, umas vezes — com sinceridade, e outras — com fingimento oficial...

## VINTE DE JANEIRO

### S. SEBASTIÃO

II — Não é lugar próprio para aqui fazer a história da chamada PESTE GRANDE, que picou LISBOA, e todo o Reino, em 1569...

Digo melhor: não é minha intenção...

Por causa da peste saiu D. Sebastião da Capital a 12 de Junho e foi para Sintra; e de Sintra, a 7 de Julho, escreveu uma carta à Câmara de Lisboa para que se levantasse a S. Sebastião um templo, à custa da Fazenda Real e da Cidade.

Esta Carta, original, de El-Rei D. Sebastião, existe no Arquivo Histórico Municipal, no Códice 39/72, e folha 90. Foi publicada por

Eduardo Freire de Oliveira na página 474, nota, do I tomo dos «Elementos para a História do Município de Lisboa», primeira edição.

Insiste D. Sebastião pelo seu VOTO, em outra Carta escrita de Montemor-o-Novo em XVI de Outubro. — (Códice 39/72, folha 92.)

Freire de Oliveira, (t. I. p. 574), publica desta apenas uns pequenos trechos, bem como da terceira Carta de XXIV de Dezembro, escrita de Évora. — (Códice 39/72, f. 94).

Quarta Carta, de 24 de Fevereiro de 1570, também de Évora. — (Códice 39/72, f. 95).

Estas quatro Cartas-Régias estão cheias de indicações históricas e piedosas, e já as tenho, por isso, a imprimir, completas.

Do TEMPLO, — que El-Rei D. Sebastião, em 1571, começou a erguer no Terreiro do Paço, e depois se desfez, — darei notícia no § seguinte.

### NO TERREIRO DO PAÇO... PÂNICO OU SUSTO...

III — Pero Rodrigues Soares, no seu MEMORIAL, no capítulo 17 e fl. 28, descreve os ALICERCES do Templo, — que El-Rei D. Sebastião mandou fazer, e depois se desfez, — deste modo:

— «Não quis deixar de pôr aqui, suposto que se desfizesse, o sumptuosíssimo templo do Mártir S. Sebastião, que El-Rei D. Sebastião mandou fazer no Terreiro do Paço, bem junto ao Cais-da-Pedra — edifício tão custosíssimo que era de mór obra que outro nenhum de Lisboa; e determinava El-Rei mandar botar uma varanda, que viesse das suas do Paço pela banda do mar (rio) ter ao dito templo, para Êle, a Rainha e Damas ouvirem missa; e, mandando pôr por obra o edifício com todo o necessário, começaram de abrir os ALICERCES no mês de Março de 1571, caindo neste ano a Pascoa aos 15 de Abril.

Tendo abrido os alicerces, trabalhando as oitavas neles, logo ao primeiro dia de fazer, que foram 19 do dito mês, sagraram a dita Igreja, para o qual (serviço) toldaram, no meio dela, com armações ricas, em mastros que meteram, onde se disse missa solene, à qual esteve El-Rei e o Sr. D. Duarte, com toda a mais Côrte; e, acabada a missa, levou El-Rei D. Sebastião e o Cardeal, numa padiola, a primeira pedra, que puseram no dito alicerce; e, depois deles, pôs o Sr. D. Duarte a sua; e, por esta ordem, todos os Fidalgos, sendo

*El-Rei a este tempo de 17 anos de idade; o qual templo — se foi continuando com ele muito tempo até à entrada de el-rei Filipe em Portugal, estando já em termos de quase meio feito, com as suas capelas armadas, tendo-se nele feito imenso gasto; e, depois de el-rei D. Filipe entrar nestes Reinos, se foram os Frades da Ordem de S. Vicente de Fora a ele a representar-lhe como aquele templo, por todas as vias, não estava bem ali, e que mais pertencia ser feito no seu Mosteiro visto estar nele o BRAÇO do bem-aventurado S. Sebastião e a Igreja ser a mais antiga deste Reino; e, já da maneira que havia mister ser reedificada, que lhes fizesse mercê de lhes querer dar toda a pedraria daquele templo, mandando-o desfazer, para, com ela, fazerem uma igreja e templo no seu Convento...*

*Como el-rei D. Filipe tinha vontade e determinado mandá-lo desfazer, levemente lhes concedeu a petição, com lhes dar mais cada ano um tanto para ajuda das obras.*

*Começaram logo os FRADES a mandar desfazer o dito templo, com a mór pressa do mundo, andando de noite e de dia carros a acarretar pedraria e cal, começando logo, no seu Convento, a Igreja, que vereis também de mui grande custo.»*

*Na «Lisboa-Antiga» de Mestre Castilho, Bairros Orientais, volume VII, segunda edição, 1936, também se trata deste templo, com minúcias.*



No seu interessantíssimo *Memorial*, no capítulo 19 e folha 29, Pero Rodrigues narra outro acontecimento, assim:

— *«Neste ano de 1571, aos 14 de Junho, foi dia do Corpo-de-Deus; e, a véspera, mandou El-Rei D. Sebastião: que todos os tambores saíssem (a) dar seus bandos, para que, ao outro dia, saíssem todos os capitães com sua gente para irem na PROCISSÃO em que El-Rei também havia de ir, andando todos, toda a tarde, por esta Cidade dando os bandos costumados, com graves penas: que nenhum soldado deixasse de ir nas companhias; e, pela manhã, se ajuntaram todos por ordem naquela Rua-Nova até toda a Padaria, por entre as quais El-Rei veio, por ser de onde havia de sair na Procissão; e, enquanto passou, foi a arcabuseria disparando, de maneira que já El-Rei e os Fidalgos se agastavam com tanto disparar...*

*Passado El-Rei e metido na Sé, começaram as Bandeiras de marchar a caminho do Rossio, onde, de uma parte e de outra, estava todo o Rossio cercado de Bandeiras e Ordenanças; e, em chegando ali a Procissão, vindo o Santíssimo Sacramento no remate e El-Rei detrás com toda a Fidalguia, — disparou a arcabuseria de maneira que fez*

*desordenar a Procissão, e cada um, a mais correr, trabalhar por chegar a «S. Domingos», porque, por mais que gritavam que não atirassem, não houve remédio; e aqui deu uma fásca dentro no polvorinho de um soldado, e, arrebrandando o polvorinho, lhe deu o bocal por uma fonte e o matou, afóra outros que se feriram e queimaram com os mesmos desastres; mas, como El-Rei era tão afeiçoado à milícia, por tudo passava levemente...»*

Como os meus Leitores estão vendo, é de longa data o pânico ou estouro nas Procissões de Lisboa.

Embora o memorialista Pero Rodrigues Soares escrevesse períodos gramaticais muito compridos, as suas «reportagens» não são inferiores às dos nossos actuais jornalistas...

#### POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS... A RIBEIRA DAS NAUS...

IV — Nesta secção — O TEJO — tomamos o Rio não como ponto de estudo local, mas como pôrto: desta margem ou ribeira partiam, pois, as caravelas e as naus com destino à África, à Índia, ao Brasil...

Partiam e voltavam...

Se não todas, o maior número, e carregadas.



Em 1627, o Contrato de Cabo-Verde andava arrendado a André de Afonseca em preço de 13.400\$000 réis, e a despesa da folha montava a 6.701\$700.

O contrato de Angola (VII) estava arrendado a Anrique Gomes da Costa por 40.000\$000 de réis, por tempo de 6 anos, que começaram pelo «S. João» de 1624.

Valia a Fôlha de «S. Tomé» 5.259\$440.

O contrato do «pau-brasil» andava arrendado a Fernão Lopes Lopez por 24.040\$000 por ano, pagos aos quartéis.

Já em Outubro de 1608, este Lopes Lopez tinha a renda ou contrato das «Sete Casas». — (Arquivo Histórico Municipal, Códice 39/63, Documento 1.)

O contrato das CARTAS & SOLIMÃO andava arrendado por 5 contos de réis a Nicolau de Locatria, e era aplicado este recebimento aos ministros do Santo Offício.



O que se precisava, neste ano de 1627, para apresto de 12 galeões, conforme ao orçamento do Provedor dos Almazéns, importaria em 381.610\$800 réis.

Para três Naus da Índia eram necessários 145.590\$600 réis.

Do preço da PIMENTA — tenciono escrever mais para diante muita coisa, se DEUS quiser.

Se formos actualizar estas quantias com os escudos de nossos dias, elas são... fabulosas!...

João Lúcio de Azevedo fez um cálculo, há vinte anos, mas já não serve para nada, como disse ou escreveu um afamado economista Brasileiro, que tenho aqui na minha mesa de trabalho.

### O CARTÓRIO DA CIDADE CÓDICES



V — No Cartório ou Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, nos primeiros tempos ou séculos da nacionalidade, — como na Cúria-Régia—, os PAPÉIS, ou instrumentos, ou escrituras, juntavam-se anualmente em MAÇOS, pela ordem cronológica e natural dos serviços.

Em certa época, começaram a fazer-se LOTES por reinados.

Cartas-régias, assentos, procurações, consultas, doações, recibos, compras e vendas, trocas, alvarás, provimento de officios, Casa dos Vinte e Quatro, côrtes, festas, rendas, impostos, o pão, o real-de-água, o pescado, as carnes, a almotaçaria, a limpeza... — TUDO ISTO & MAIS REQUERIMENTOS eram escritos em fôlhas avulsas de pergaminho e de papel; e com estas fôlhas se faziam maços, mais ou menos volumosos.

As fôlhas avulsas costuravam-se com tiras de couro, ou fitas de cadarço, ou cordéis, formando assim «quadernos» e livros.

Não encontrei, nos Códices do Arquivo Histórico Municipal, vestígios de ROLOS ou RÓTULOS, como existem na Torre-do-Tombo.



Aos PROCESSOS de certa importância até se punha uma capa ou carteira de pergaminho ou pano — a ENCADERNAÇÃO.

Muitos Códices eram conhecidos pela cor da sua capa, pelos

ferros ou pregos, e pelos assuntos: livro preto, livro carmesim, livro de prata, livros das Festas, livros do Pão, livros da Pimenta...

Guardavam-se em bolsas, em caixas ou arcas, e em caixões...

Quase sempre se faziam destas ESCRITURAS dois lotes ou atados: um — com assuntos arrumados ou já resolvidos; e outro — com os registos e determinações de consulta constante, como eram as leis, os regimentos, as tabelas, os contratos, os impostos, os funcionários, e as praxes, ou usos e costumes escritos...

Com o passar do tempo, cresceu o EXPEDIENTE, e, por isso, a boa ordem dos serviços exigiu que os PAPÉIS fossem catalogados e costurados por secções distintas, formando CÓDICES, para se não extraviarem.

Das bolsas, e caixas, e cofres, e caixões passaram os CÓDICES a ser arrumados em ARMÁRIOS, mas os PROCESSOS de responsabilidade ficavam sempre fechados a três chaves...

Nas prateleiras, tinham os processos o seu número de lugar e a respectiva etiqueta do seu assunto.



Já em 1557, como consta no Livro Carmesim, começado a escrever no reinado de D. Manuel I, (Arquivo Histórico Municipal, 39/38, guardado no Cofre), as multas e penas, que se despachavam na Mesa da Câmara, eram apontadas em livro especial e não em fôlhas avulsas, como se praticou até aí.



Em 1633, deram-se ordens sobre os ASSENTOS, que se deviam também lavrar nos livros da Câmara. — (Códice 39/66, Documento 82).

Em 1635, Gaspar Ferreira desempenhava o cargo de Guarda do Cartório Municipal, que era de grande responsabilidade...

RICO TESOURO! — se lhe chamava.

Para pôr o Cartório ou Arquivo em boa ordem e de fácil e pronto manejo, a Câmara contratou o licenciado Cónego Mateus Peixoto Barreto, que arrumou mais rigorosamente os Documentos por assuntos, e mandou encadernar uniformes os Códices, com capas de couro.

Nesta reforma, foram muitos Documentos deslocados dos primeiros lugares em que estavam, mas o Cónego Barreto teve o cuidado de indicar, nos índices ou sumários antigos, o novo lugar para onde os passou.

Triste é dizê-lo...

Nesta ocasião cometeu-se um GRANDE CRIME: o mestre encadernador, no aparo das folhas, não teve o cuidado necessário; e em muitos Documentos, por isso, os cabeçalhos ou títulos, e as notas marginaes foram à degola, como se vê em alguns dos mais preciosos Códices...

A culpa não foi do Cónego Barreto, mas... devia fiscalizar o trabalho do... sapateiro-encadernador.

Nas muitas CÓPIAS, de 1727, nada se alterou; e estas são perfectas e devidamente consertadas e autenticadas por peritos ou tabeliães.



Dos trabalhos e publicação dos 17 tomos dos «*Elementos para a História do Município de Lisboa*», — que organizou e fez Eduardo Freire de Oliveira, — tratarei noutra ocasião.

Os mais limpos Arquivos de Lisboa, sem poeira, sem vermes, sem fedor e em perfeito estado de conservação, — são o Municipal, o Colonial da Junqueira e o Militar do recém-falecido Coronel Ferreira de Lima.

#### OS CRONISTAS DE LISBOA... CATÁLOGOS...

VI — Em comemoração do VIII CENTENÁRIO da tomada de Lisboa aos MOUROS pelos PORTUGUESES — 1947 — a Biblioteca Nacional do Largo de «*S. Francisco*» também fez uma Exposição importantíssima na sua Sala-mor de Leitura, cujo CATÁLOGO, tarde mas... não a más horas, foi publicado em 1948...

Neste trabalho intelectual e guia precioso, mais uma vez patentearam o seu saber e cuidado a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Luísa Maria de Castro e Azevedo e o Sr. Dr. Durval Pires de Lima, que o fizeram em conjunto, e perfectíssimo.

A relação consta de 810 obras, assim repartidas:

I — Obras gerais, 1/46. II — Das origens ao fim da época muçulmana, 47/107. III — Tomada de Lisboa aos Mouros, 108/161. IV — Lisboa, de D. Afonso Henriques ao Marquês de Pombal, 162/373. V — Lisboa do Marquês de Pombal a Rosa Araújo, 374/495. VI — Lisboa de Carmona & Salazar, 496/569. VII — Vária, 570/811.

Os três ÍNDICES alfabéticos — de nomes, de títulos e assuntos, e de publicações periódicas, — tornam facilíma a procura do que se deseja.

A todas as espécies se juntou a cota ou marcação que têm nas secções da Biblioteca Nacional.

As anotações a muitas das OBRAS, apesar de resumidas, são valiosíssimas e traçadas com perfeita e precisa técnica.

Enfeitam este Catálogo XX ESTAMPAS nítidas, copiadas de livros antigos e modernos, nacionais e estrangeiros: textos antigos; a Ribeira e o Terreiro do Paço; episódios políticos; ermidas; o Tejo; a Cidade, com vistas e plantas; frontispícios de Livros; o retrato de El-Rei D. Afonso Henriques, numa interpretação bem medíocre; a escaramuça entre El-Rei D. António I, o Prior do Crato, e as tropas do aguerrido Duque de Alba, em Alcântara-Terra, na madrugada de 25 de Agosto de 1580; costumes e trajos; projectos e desenhos; o Aqueduto de D. João V no sítio de Sant'Ana, que há meses foi destruído a dinamite; um pedaço da aprazível Benfica...



Tem contra si este Catálogo um... indesejável *senão*: custa 105 escudos!...

PARA FECHAR...

Depois de todas estas considerações e arrazoados, se houver qualquer Leitor ou Leitora que não goste do que escrevi, paciência...

A minha intenção é boa, embora tenha um pedacinho de malícia... saloia; mas eu sou de Aveiro...

As «*minhas*» CINZAS DE LISBOA não são cinzas mortas: são cinzas acesas.

*LISBOA, 25 de Outubro de 1949.*

# DO SÍTIO DO INTENDENTE

Conferência feita na sede do Grupo, em 4 de Março de 1950

pelo Dr. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

(Conclusão)

Não foi este o único teatro do local, pois houve na Rua Álvaro Coutinho o Teatro dos Anjos, depois chamado Moderno a que o público chamava da «preta», por ser a proprietária uma senhora de cor; hoje é lá um prédio de rendimento; e na Travessa do Borrvalho houve outro, depois cinema, onde hoje é o Lisboa Ginásio Clube. Ali tocou o afamado guitarrista Petrolini e lá foi mais tarde um Centro Regenerador Liberal, no tempo do Franquismo, o Centro Melo e Sousa.

Neste mesmo local funcionou a Academia Sabino de Sousa, vinda do Matadouro, onde surgiu a ideia como homenagem ao Dr. Joaquim Sabino Eleutério de Sousa, inspector do Matadouro e professor de Medicina Veterinária.

Dava bailes, récitas, teve filarmónica e foi frequentada e dirigida, entre outros, por Constâncio de Oliveira, Nuno Castanheiro Freire, Drs. João e Silvestre Sabino de Sousa, filhos do homenageado; Jesuíno Ganhado, falecido há pouco, no Bairro Andrade, e António Pedro da Silva, ainda morador no bairro.

A quota inicial era de 50 réis por dezena. Nessa Academia se representou a revista «Bolas de Papel», original de Constâncio de Oliveira, com música de Alberto Antunes e representada por amadores.

Onde hoje é a fábrica de sedas dos Grandes Armazéns do Chiado, na Rua da Bombarda, existiu durante muitos anos, um recinto conhecido pelo «Baile dos Bombeiros», frequentado pela rapaziada fina de Lisboa. Mais tarde foram aí as oficinas da Viúva Tiago, onde se construíram os portões para a quinta, em Sintra, do Dr. Carvalho Monteiro, o chamado «Monteiro dos Milhões», dono do velho Palácio Farrobo, na Rua do Alecrim, frente à estátua de Eça de Queirós.

Da vida do local, além dos transeuntes e moradores, eram comparsas obrigatórios, aí por volta de 1900, os cocheiros e sotas, dos Choras, e rippers, e os moços de fretes e aguadeiros dos quais dois chegaram quase aos nossos dias; o «Gaioso» e o «Enche-o-pote»; este assim chamado por ter um barril maior que o dos companheiros, e por isso mais afreguesado.

À compita disputavam, então, no Inverno o banco de cima — dos dois que ladeavam o chafariz — a que chamavam o banco quente, porque por trás lhe ficava, paredes meias, um dos fornos da fábrica. Hoje é lá um armazém de venda e exposições, da casa a «Iluminante».

O chafariz a que se aludiu, foi começado em 1823 e inaugurado em 1824; recebia água simultâneamente do Aqueduto das Águas Livres, e dum chafariz que houve no Campo de Sant'Ana.

Para baixo, já na Rua Nova da Palma, rememoremos os escombros do velho Coliseu, inaugurado em 1887 e do risco do eng.-auxiliar Jesuino Ganhado, há pouco falecido; e que nos últimos tempos abrigou as Encomendas Postais; a cerca do Palácio Folgosa com as suas verbenas últimamente e o Paraíso de Lisboa anteriormente, hoje tudo garage Liz e cinema Rex que anteriormente foi a sede da Associação Espirita. A seguir o edifício da Associação dos Empregados de Comércio e Indústria e o resto, que é tudo novo até ao Socorro, só restando parte do Palácio Folgosa, onde estão serviços da Câmara Municipal de Lisboa; de que os portões, taça do lago e estatuetas foram para o jardim do Torel.

Na época em que falo o principal imóvel do local — o Palácio Pina Manique — é ocupado na sobre-loja pelo Sport Clube do Intendente. No 1.º andar está a Associação dos Inquilinos Lisbonenses e uma oficina de fotogravura e no 2.º andar a Sociedade Espiritualista Portuguesa e a velha Sociedade da Matinha, fundada em 1867 e para aqui transferida em 1941 quando o Secretariado da Informação ocupou o Palácio Foz, onde estava numas dependências com entrada pela Calçada da Glória. Esta velha Sociedade fundada por um grupo de boémios pacatos — passe a classificação — que se reuniam no Passeio Público e iam de tipoia para os Olivais, jogar o chinquillo, a malha, a risca e a laranjinha. Como a quintarola tivesse umas árvores que não chegava a Mata, passaram a chamar-lhe Matinha e assim se ficou chamando a Sociedade, que teve como sócio Bulhão Pato e várias sedes: Rua da Alegria e do Salitre. Tem número restrito de sócios, primeiro 1.000 e agora 1.500 que tratam de fazer bem à barriga com agapes e jogos e ao próximo com bodos e largas esmolos. Foi exclusivamente para homens, hoje já admite as famílias nos bailes e diversões.

É numa esplanada, actualmente coberta e antigamente jardim, que existem duas escavações abobadadas cavadas na rocha, que ficam sob a Rua da Bombarda, para onde o terraço tem saída, a que chamam prisões, por terem tido até há pouco grades de ferro, e uma delas uma fresta entaipada. São certamente jaulas para animais, muito em uso existirem em parques de famílias de tratamento.

Nas lojas do Palácio existe ainda a Farmácia agora chamada do «Intendente», uma loja de fanqueiro, um talho e uma taberna cada

uma com duas portas que têm os números 48 a 56, sendo 52 o número da porta da escada de acesso aos andares.

Por cima desta porta foi colocada, o ano passado, uma lápide, lembrando o seu antigo morador que deu o nome ao local.

É seu actual proprietário o sr. Visconde de Sacavém, ao que me informam.

Finalmente, é de referir, que no bairro, para de tudo ter havido, houve até, ao lado e para trás da antiga Igreja dos Anjos, umas toureiras, numa praça de madeira, na área da Avenida, entre o Beco da Índia, onde era uma das escadas de acesso e a Rua dos Anjos. Aí debutaram, ao que me dizem, Silvestre Calabaça, Cadete e outros. Na área, ainda mora o toureiro e conhecido «inteligente de corridas» Manuel dos Santos — «o velho» — que o actual «ás» do toureio, com o mesmo nome, é da Golegã.

Dos moradores do sítio são de referir pela sua notoriedade artística, literária, política ou social Alfredo Gallis, que na Rua Palmira, onde viveu muitos anos, escreveu algumas das suas obras.

Os irmãos Mântua criados no Bairro Andrade, onde faleceram; um Maestro e outro Escritor teatral. Ainda lá reside família.

No Intendente vive há muito o conceituado artista Alfredo Cândido.

O cavaleiro tauromáquico Morgado de Covas, que viveu na Calçada do Forno do Tijolo, hoje Rua Maria da Fonte.

O architecto Álvaro Augusto Machado, pai e sogro dos notáveis pintores D. Alda Machado Santos, e Fernando Santos, este, como é sabido, também humorista e escritor teatral.

Conselheiro Serpa Pimentel num prédio junto à antiga Igreja que tinha o arco de entrada para o Regueirão.

No Bairro Andrade viveram João Soler, Epifânio Dias, Ventura Faria de Azevedo que foi professor do Liceu, pai do polígrafo Pedro de Azevedo; Gomes Leal, Eduardo de Noronha, o cantor e músico Araújo, irmão do Mestre de Capela da Sé e entre tantos outros o sr. João Correia, velho colaborador do «Pimpão», companheiro das tertúlias citadas e frequentador assíduo da Velha Sociedade da Matinha.

Para os lados da Rua da Bombarda moraram o velho actor Roque e o engenheiro naval Júlio Talento, que fez parte da guarnição do «Adamastor»; e muitos mais que de momento não me ocorrem ou não refiro para não alongar as citações. Nos confins do Bairro Andrade, na Rua Heliodoro Salgado, vive há anos um centenário, o Major de Infantaria José Jacinto da Fonseca que a 19 do corrente completará, se Deus quizer, 102 anos.

Terminei em 1940 com referências pessoais e profundamente locais que de princípio resolvi cortar na palestra de hoje.

Mas... são tão vividas, tão características da vida local que re-considerando resolvi, repeti-las.

Disse então:

Foquei sem pretensões a erudição a história sucinta e rápida do local, aludi com laivos de pitoresco ao sabor anedótico dos seus sucessos, referi facetas simpáticas de alguns dos seus habitantes, vou terminar referindo um acidente da minha vida profissional que o meu coração não esqueceu.

Tratei várias vezes durante anos e assisti aos últimos momentos, vítima dos estragos de uma pertinaz enfermidade e por isso já em precária situação monetária, a um modesto comerciante de rua, que vivia numa dessas artérias transversais do local, comerciante de quem eu era também freguês no meu interesse pelas velharias, que faziam o objecto do seu comércio. Sobre a sua cabeceira havia um registo de Santo António de Lisboa que na mão tem um livro aberto com o A B C impresso e sobre ele um Menino Jesus.

Para dulcificar o padecer do enfermo, várias vezes a ele aludi em conversa, mostrando apreciá-lo, para evitar resposta às suas perguntas instantes sobre o seu estado.

Deixou-mo ao morrer, ele, o pobre, que Deus tenha em Sua Santa Guarda, que talvez mal soubesse ler, sublinhou a recordação como homenagem ao meu amor pelos livros.

Se escrevesse as memórias dum médico, que no meu caso seriam já, as de trinta anos de exercício profissional, diria que tenho tido, como todos, vários e alguns bem valiosos brindes; não desdenho porém deste, e ainda hoje o guardo e o tenho a par de gravuras de Sequeira e desenhos de Columbano da minha colecção. Se estes valem para mim, e para todos, pelos autores e pela arte, aquele vale para mim pelo gesto e intenção. Reputo até dos mais bem remunerados dos meus serviços locais, porque nem só o ouro vale... Perdoaram-me então, os ouvintes de 1940, o ter metido uma nota pessoal e particular nas referências desta desataviada palestra, por ser vivida no local e homenageava um dos seus conhecidos moradores; espero que V. Ex.<sup>as</sup> hoje me perdoem também, porque refere e inclui alusão ao Santo nosso patricio — Santo António.

Ele nos valha, sobretudo a vós para perdoardes a tão mau dizedor.

Tenho dito.

13-1-1950.

**Edições da "PORTUGALIA"**  
sobre Lisboa



**A CARAVELA E OS CORVOS**

por *SUSANNE CHANTAL*. — Os  
oito séculos da história da Capital,  
num encantador livro de 500 páginas

**30\$00**

**A NOSSA LISBOA**

por *MATOS SEQUEIRA* e *PAS-  
TOR DE MACEDO*. — Prémio «Jú-  
lio de Castilho» da C. M. L.

**40\$00**

**GUIA E PLANTA DE LISBOA**

por *NORBERTO DE ARAÚJO* e  
*ANTONIO SOARES*

Edição portuguesa . . . . . **12\$00**

Edição francesa . . . . . **15\$00**

Edição inglesa . . . . . **15\$00**



**A' venda em todas as livrarias**

**E. Pinto Basto**  
& C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

**L I S B O A**

**TRANSPORTES**  
**MARÍTIMOS E AÉREOS**  
**CARVÃO — SEGUROS**  
**REPRESENTAÇÕES**  
(Industriais, etc.)  
**EXPORTAÇÕES**  
**TRANSITÁRIOS**  
**ETC. — ETC.**

**NO PORTO**

**Kendall, Pinto Basto**  
& C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

**ESTORIL**

**COSTA DO SOL**

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA — EXCELENTE ESTRADA MARGINAL

Rápido serviço de comboios eléctricos — Clima excepcional durante todo o ano

**Todos os desportos:** Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima,  
Tiro, etc.

**Estoril-Palácio-Hotel:** Moderno e elegante — Magnífica situação

**Hotel do Parque:** Todo o conforto — Anexo às termas.

**Monte-Estoril-Hotel:** (antigo Hotel de Itália) completamente moderniza do

**Estoril-Termas:** Estabelecimento Hidromineral e Fisioterápico, Aná-  
lises Clínicas — Ginástica Médica — Maçagens.

**Tamariz:** Magníficas esplanadas sobre o mar, Restaurante-Bar.

**PISCINA** de água tépida — **SALA DE ARMAS**  
**ESCOLA DE EQUITAÇÃO** — **STANDS DE TIRO**

**CASINO:**

Aberto todo o ano  
Cinema — Concertos — Festas  
Dancing — Restaurante — Bars  
Jogos autorizados

Informações: Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

# Ourivesaria da Guia

FUNDADA EM 1875

JOIAS — OURO — PRATAS — RELOGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 28336

Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

# PESCA DESPORTIVA

OS LIVROS QUE MELHOR ENSINAM

PGY

JOÃO DA CRUZ VIEGAS

Pesca Marítima Desportiva

Pesca Desportiva na Água Doce

Distribuidor: JOSÉ FRANCISCO D'OLIVEIRA, D. de Anadia, 94, 1.º E. Telef. 28085 LISBOA

# CASA DOS PANDOS

Sentimento completo em panos brancos e de cor a em linhas de todos os larguras

65, Rua dos Fanqueiros, 69 (Esquina da R. de 2.º Julho)

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE  
Rua do Comércio, 85  
LISBOA

SUCURSAL  
Rua Infante D. Henrique, 73  
PORTO

Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental, Brasil e América do Norte

## FROTA DA C. N. N.

«Angola» .....	18.250 Ton.	«L. Marques» .....	6.400 Ton.
«Sofala» .....	12.500 »	«Cabo Verde» .....	6.200 »
«Moçâmedes» n/m	9.100 »	«Congo» .....	5.000 »
«Rovuma» n/m	9.100 »	«Nacala» .....	2.300 »
«S. Tomé» n/m	9.100 »	«Tagus» .....	1.800 »
«Niassa» .....	9.000 »	«Chinde» .....	1.300 »
«Nova Lisboa» .....	8.800 »	«Lumbo» .....	1.285 »
«Cubango» .....	8.300 »	«Inharrime» .....	1.000 »
«Quanza» .....	6.500 »	«Sava» .....	760 »

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

# Romão & Comp.

Antiquários

47, R. D. Pedro V, 49

Telefone 2.844

LISBOA



# Compramos

livros de bons autores. Grandes e pequenas quantidades.

Livraria Garrett, 36 LISBOA

# Alberto Alves Natário

Encomendas simples e de urgência

Vivenda Yolanda  
Barro do Mina  
AMADORA

Em todo o mundo  
a nova romãnce

# Espelho de três faces

de comagado escrito  
JACQUELINE D'ARCO

Edição de 1974, 200 páginas, 16 cm, 450\$

# Bertrand (Irmãos)

Fotografia

Tipografia

Folheto

Desenho

T. Coadessa do R. ... Telef. 219/9 23...